

# História e sentido do milagre de Caná na liturgia antiga

## Contributo para a história da Epifania

Em ordem à elaboração da tese de doutoramento sobre iconografia do milagre das Bodas de Caná reunimos elementos sobre as origens da inserção do milagre na liturgia. Na economia da dissertação esses elementos foram sintetizados em poucas páginas<sup>1</sup>. Agora, apresentamos o conjunto da investigação feita.

Como o milagre de Caná aparece na liturgia antiga (e na actual) unido sobretudo à festa da Epifania, foi interessante e inovador considerar a história da Epifania pela perspectiva do primeiro milagre.

Conseguimos, assim, pôr em dúvida ou atenuar algumas afirmações dos comentários anteriores, que careciam talvez, desta visão nova do conjunto das fontes. Além deste aspecto, a vontade de desvendar o ambíguo e problemático sentido do milagre das bodas no conjunto do pensar, viver e sentir primitivos, não deixa de influir no interesse deste contributo.

A complexidade do tema apresenta dois aspectos e, por isso, decidimos separar em duas secções o presente estudo. Na verdade, para além da história evolutiva da Epifania, que nos situa o milagre de Caná no tempo, em ordem ao objectivo do nosso trabalho, interessaria arrancar dos textos litúrgicos todo o seu conteúdo simbólico. Assim surgiram as duas partes: uma histórica, outra simbólica.

Na primeira, preferimos percorrer as várias Igrejas do Oriente e Ocidente, preocupados sobretudo em marcar etapas. Seguimos

---

<sup>1</sup> Cf. CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO, *O Milagre de Caná na iconografia paleocristã, II: Estudo interdisciplinar: exegese, patrística, liturgia, iconografia e iconologia*, Porto, 1986.

portanto um critério topográfico e dentro deste um critério evolutivo. Para ajudar, fomos fazendo amiudadas vezes o ponto da questão, para que não escapasse o contributo de nenhum testemunho para as possíveis conclusões.

Na segunda, preferimos uma ordem sistemática analisando primeiro as fórmulas eucológicas segundo um critério quanto possível cronológico, depois as antífonas que mencionam o milagre do vinho. Convém assinalar que as homilias dos Padres, apesar de serem complementares para o sentido dos textos, consideramos melhor reservá-las para a parte patrística. Ao contrário, usamo-las na primeira parte, enquanto serviam de marcos na evolução da história da Epifania. Aqui é oportuno aclarar que não tivemos a intenção de esgotar os autores, mas assinalar aqueles que eram princípio e fim de etapas ou, então, estavam a atestar o prosseguimento de um uso litúrgico.

## 1. A História das Bodas de Caná na liturgia

As origens da festa da Epifania, na qual o primeiro milagre de Cristo se insere, continuam ensombradas por nuvens de poucas informações. mas, apesar disso, utilizando as fontes disponíveis, vários estudos têm vindo a estabelecer limites que demarcam uma história com desenvolvimento inicial desconhecido<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> O primeiro estudo considerado clássico é de H. USENER (*Das Weihnachtsfest*, Bonn 1889), que se ocupa sobretudo do Natal. Depois seguiram-se-lhe: A. DE SANTI, *L'origine delle feste natalizie*, in *CivCatt* 57/IV (1906) 641-654; 58/I (1907) 20-29; ID., *Sull'origine delle feste natalizie. Note critiche*, in *CivCatt* 58/II (1907) 322-331; H. KELLNER, *Heortologie*, Freiburg/Br. 1911, 96-130; E. VACANDARD, *Etudes de critique et d'histoire religieuse*, Paris 1912, 1-56 e um estudo muito bom, apesar de incompleto, elaborado por S. GASSISI, *L'Epifania nella Chiesa greca*, in *Roma e l'Oriente* 3 (1911-1912) 154-159. 366-376; 4 (1912) 13-22. 83-92. 209-221. 272-283; 5 (1912-1913) 23-31. 167-178. 286-301; 7 (1914) 96-100. A questão seria de novo estudada sobretudo por K. HOLL, *Der Ursprung des Epiphaniensfestes*, in *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte*, II, Tübingen, 1928, 123-154; B. BOTTE, *Les origines de la Noël et de l'Epiphanie*, Louvain 1932; H. FRANK, *Zur Geschichte von Weihnachten und Epiphanie*, in *Jahrbuch für Liturgiewissenschaft* 12 (1933) 145-155; 13 (1934) 1-38. E, mais tarde por O. CULLMANN, *Noël dans l'Eglise ancienne* (= Cahiers Théologiques de l'actualité protestante 25), Neuchâtel-Paris 1949; L. FENDT, *Der heutige Stand der Forschung über das Geburtsfest Jesu am 25. XII und über Epiphanias*, in *Theologische Literaturzeitung* 78 (1953) 1-10 e J. LEMARIÉ, *La manifestation du Seigneur* (= Lex Orandi 23), Paris 1957. R. BAINTON, *The Origins of Epiphany*, in *Early and Medieval Christianity* (= The Collected Papers, Series I), Boston 1962, 22-38; R. COQUIN, *Les origines de l'Epiphanie en Egypte* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 139-170; J. MOSSAY, *Les fêtes de Noël et d'Epiphanie en Capadoce au IV. e siècle* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 211-236; F. BORELLA, *Spunti interessanti della liturgia di Natale ed Epifania*, in *Ambrosius* 44 (1968) 301-330; A. STROBEL, *Ursprung und Geschichte des frühchristlichen Osterkalenders* (= Texte und Untersuchungen 121), Berlin 1977, 148-150; T.-J. TALLEY, *Le temps liturgique dans l'église ancienne*, in *La Maison Dieu*, n. 147 (1981) 43-59.

Antes de mais, convém ter presente uma ideia basilar acerca das grandes festas da cristandade antiga: «Não são, por natureza, comemorações históricas de tal ou tal episódio da história sacra, mas foram instituídas para exprimir grandes ideias religiosas»<sup>3</sup>. E, de entre os exemplos, o mais característico é o da Epifania, como aparição da divindade em carne humana.

Na busca de celebrações próprias, geradas como prolongamento do acontecimento salvífico do mistério pascal, os cristãos criam duas festas: a Epifania, que provém do Oriente, e o Natal, de influência ocidental. Estas festas explicitaram-se no século IV, embora as primeiras origens se encontrem já no século III<sup>4</sup>. Será que os cristãos se perguntariam quando nasceu, quando se manifestou Cristo, que morreu e ressuscitou? Os vestígios de uma tradição antiga dão como data para o nascimento de Cristo o dia 20 de Maio<sup>5</sup>.

Porém, apesar de se verificar entre os gentios deste período uma tendência para celebrar o dia do próprio nascimento e, embora se celebre o aniversário natalício do imperador em festas nacionais<sup>6</sup>, o caminho parece não ter sido o da procura da data histórica objectiva, ainda que essa razão se dê, mas o do interesse em celebrar a manifestação da divindade de Cristo pelo seu nascimento e Baptismo, aproveitando datas que celebravam acontecimentos extremamente paralelos. Não é de excluir entre as causas da introdução da festa epifânica uma preocupação doutrinal<sup>7</sup>, como arma contra a heresia ariana. A este propósito é também interessante verificar que os primeiros concílios foram ocasião para um encontro e uma busca da unidade da fé que se manifestasse igualmente na celebração litúrgica.

### 1.1. Oriente

Antes de vermos o específico de cada Igreja, vamos debruçar-nos sobre os testemunhos acerca das origens pagãs da festa que estu-

<sup>3</sup> A. BAUMSTARK, *Liturgie comparée. Principes et méthodes pour l'étude historique des liturgies chrétiennes*, Paris 1953, 173-174.

<sup>4</sup> B. NEUNHEUSER, *Storia della liturgia attraverso le epoche culturali* (= Bib. «Ephemerides litugicae» 11), Roma 1977, 49-50.

<sup>5</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 18. Através destes vestígios Botte põe a hipótese de ter havido em Maio uma festa da Natividade. As notícias sobre a data do nascimento de Cristo nos Santos Padres são as mais díspares.

<sup>6</sup> Cf. GASSISI, *Epifania*, 4 (1912) 14.

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, 215-216. VACANDARD, *Études*, 22, sugere como justificação para a data igual entre o Baptismo e o Nascimento a passagem de S. Lucas 3,23, que diz que Cristo quando recebeu o Baptismo tinha 30 anos.

damos, as quais, embora se liguem mais ao Egipto, têm carácter geral.

A Epifania tem origem oriental e, no que se refere à data de 6 de Janeiro para a festa, o testemunho mais importante é o de Epifânio de Salamina (+ 403), palestinese de origem e bispo em Chipre. Ele, que viveu também alguns anos no Egipto, acusa os pagãos de fazer uma festa no dia da Epifania, dizendo:

«em muitos locais eles fazem uma festa muito grande nesta mesma noite da Epifania, a fim de que aqueles que crêm no erro não procurem a verdade. Primeiramente, em Alexandria, onde se chama Koreion — está um templo muito grande, o santuário de Koré. Velam toda a noite, celebrando um ídolo com cantos e ao som de flautas e, terminando a velada, depois do canto do galo, descem a um local subterrâneo, levando archotes e uma estátua de madeira sentada nua sobre um andor (...). Eles levam a estátua sete vezes, circulando à volta do templo ao som de flautas, de tamborim, de hinos e, depois de a ter festejado, descem-na para um lugar subterrâneo. E quando se lhes pergunta o que é este mistério, eles respondem: hoje, a esta hora, Koré, isto é, a virgem, gerou Eão. Isto passa-se assim em Petra — a metrópole da Arábia que é o Éden das Escrituras — e cantam à virgem em árabe, chamado-lhe Chaaman, isto é, jovem rapariga ou virgem, e a seu filho Donsarés, isto é, filho único do Senhor. Isto passa-se também em Elusa na mesma noite que em Alexandria e em Petra»<sup>8</sup>.

Esta festa correspondia ao solstício de inverno, que Epifânio também descreve. A data diferente da de 25 de Dezembro, no Ocidente, dever-se-ia, segundo Norden, mas infundadamente, à reforma de Amenemhet I, em 1996 a.C., fixando a 6 de Janeiro o solstício de inverno, que só no século v passaria a 25 de Dezembro<sup>9</sup>. Para Epifânio no mesmo dia de 6 de Janeiro comemora-se o milagre de Caná e é por isso que

«em muitos locais, até aos nossos dias, se reproduz o prodígio que teve então lugar, em testemunho para os incrédulos: assim testemunham em muitos locais as fontes e rios mudados em vinho. Assim a fonte de Cibyra, cidade de Carie, à hora em que os servos tiraram água e Ele disse: dai-o ao chefe da mesa. A fonte que está em Gerasa dá o mesmo testemunho. Nós bebemos da fonte de Cibyra e nossos irmãos da que se

<sup>8</sup> EPIPHANIUS CONSTANTIENTSIS, *Panarion* 51, 22: GCS 2, 285-287.

<sup>9</sup> Cf. BAUMSTARK. *Lit. comparée*, 169; E. NORDEN, *Die Geburt des Kindes. Geschichte einer religiösen Idee*, Leipzig-Berlin, 1924, 38. HOLL, *Ursprung*, 146, não tem presente este facto. TALLEY, *Temps liturgique*, 44-46, demonstra a falta de fundamento da hipótese de Norden.

encontra em Gerasa, no Martyrium. E muitos no Egipto o afirmam do Nilo. Assim a 11 de Tybi, segundo os egípcios, todos vão tirar água e colocá-la de lado, no Egipto e em muitos países»<sup>10</sup>.

Com efeito, ligado com o cerimonial das festas do início e fim da cheia do Nilo, estavam os cultos dos mistérios dos deuses principais e sobretudo o mito de Osíris. Porém, segundo Bonneau, Epifânio compreendeu mal uma tradição bem atestada pela qual em certa data se bebia vinho e cerveja em honra da cheia. Este facto celebrava a cor vermelha provocada pelas terras ferruginosas do fim das inundações, que era interpretada como um milagre dos deuses, já que desconheciam a causa da mudança da cor do Nilo<sup>11</sup>.

Notícias semelhantes a esta e atribuídas a Diónisos encontram-se em outras fontes. É o caso de Diodoro da Sicília, Plínio e Pausânias que também nos falam do milagre da água<sup>12</sup>. S. João Crisóstomo refere-se a uma tradição acerca de uma água especial<sup>13</sup>. Será que os historiadores do século I e II também erraram? Epifânio engana-se quando atribui esta tradição ao milagre de Caná, mas é verdadeiro como testemunho da existência da festa pagã. Em nossa opinião há diversos matizes de um mesmo costume pagão, no Egipto e em outras regiões, que não devemos querer uniformizar. Trata-se de festas locais que não permitem afirmar que no Oriente a 6 de Janeiro há uma celebração da epifania de Diónisos<sup>14</sup>.

Salientamos este ponto porque é desta comemoração de Caná, escolhendo um dia já conotado nalgumas regiões, que a Igreja ocidental irá tomar o seu costume de incluir o milagre do vinho na Epifania, juntando porém outros motivos.

<sup>10</sup> EPIPHANIUS CONSTANTIENSIS, *Panarion* 51, 30: GCS 2, 301; PG 41, 941.

<sup>11</sup> Cf. D. BONNEAU, *La crue du Nil. I: Ses descriptions, ses explications, son culte*, Tese Univ. Paris, Paris 1964, 370.

<sup>12</sup> Diodoro diz a propósito das cidades pretenderem ser a pátria de Diónisos: «Os Teanos têm, como sinal do nascimento do deus entre eles, uma fonte que se vê na sua cidade e que até hoje não tem deixado de fazer sair, em épocas determinadas, um vinho muito agradável» (DIODORUS SICULUS, *Bibliotheca historica*, III 66: BT 1271, 375).

Plínio, o Velho, diz: «Muciano que foi três vezes consul, tem por verdadeiro que na ilha de Andros, o templo de Diónisos tem uma fonte que, todos os anos, pelas nonas de Janeiro, corre com gosto de vinho: chama-se esse dia Θεοδοσία (dom da divindade)». (C. PLINIUS SECUNDUS, *Historia naturalis* 2, 106: ed. J. Beaujeu (= Col. des Universités de France), II, Paris 1950, 103).

Pausânias descrevendo as festas em honra de Diónisos assinala: «As pessoas de Andros contam (...) que cada ano na festa de Diónisos o vinho corre espontaneamente do templo» (PAUSANIAS, *Græciæ Descriptio* II, 26: BT 1575, 194).

<sup>13</sup> IOHANNES CHRYSOSTOMUS, *Hom. de Epiph.*: PG 49, 366: «In hac solemnitate sub mediam noctem omnes, cum aquati fuerint domum latice referunt ac recondunt et per integrum annum conservant».

<sup>14</sup> Cf. TALLEY, *Temps liturgique*, 43-44.

Esta coincidência da data de duas festas, uma de Diónisos-Osiris e outra de Eão (Αἰών), não é de admirar num tempo sincretista em que as três divindades se confundiam. O que nos parece mais importante reter é o que explica esta coincidência, isto é, a ideia do Deus da vida que se manifesta como tal, quer nascendo de uma virgem, quer revelando o seu poder sobre as águas. No caso do Egipto, está em causa a cheia do Nilo que traz a prosperidade porque faz crescer tudo o que é necessário ao homem e, por isso, é uma fonte de alegria e uma ocasião de festa. Além disso, é uma intervenção directa de Deus, uma manifestação da sua força.

Vamos agora tentar descobrir quando e como a Epifania cristã entra nas várias Igrejas. A diversidade com que depararemos denota que a festa não é muito antiga e que não tem uma origem única, um modelo primeiro. Notaremos que as Igrejas de formação mais recente e que estão mais relacionadas com Roma fazem entrar mais facilmente a influência romana e ocidental, enquanto Antioquia, Alexandria e Jerusalém resistem longamente.

### 1.1.1. *Egipto*

A celebração da Epifania oriental, talvez anterior à do Natal do Ocidente<sup>15</sup>, teria nascimento no Egipto donde rapidamente se espalharia para a Palestina e a Síria. Os chefes das comunidades cristãs, não desfazendo a crença popular, foram contrapondo aos motivos da celebração pagã, um poder do Senhor; aos prodígios dos deuses, os mistérios do Baptismo de Cristo e do milagre de Caná<sup>16</sup>.

Clemente de Alexandria diz-nos que, também a 6 (alguns a 10) de Janeiro, a seita gnóstica dos basilidianos comemorava, no século II, o nascimento e o Baptismo de Jesus<sup>17</sup>. Os basilidianos são, assim, os primeiros a celebrar o Baptismo de Cristo. E, como eles consi-

---

<sup>15</sup> Cf. J. MOSSAY. *Les fêtes de Noël et d'Épiphanie en Capadoce au IV<sup>e</sup>. siècle* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 213. Para C. MORHMANN (*Epiphania*, in *Études sur le latin des chrétiens* (= Storia e Letteratura 65), Roma 1958, 268) as duas festas surgiram mais ou menos na mesma época no Oriente e Ocidente porque correspondiam a um estado de espírito posterior à paz da Igreja e ao gosto de determinar por cálculos os factos da salvação do ciclo anual.

<sup>16</sup> Cf. LEMARIÉ, *Manifestation*, 40-41.

<sup>17</sup> Cf. CLEMENS ALEXANDRINUS, *Stromata*, I, 21, 146: GCS 2, 90; PG 8, 888 A: «Os seguidores de Basilides festejavam também o dia do Baptismo de Jesus e passam toda a noite precedente em leituras. Segundo eles isto acontece no ano XV de Tibério, a 15 ou segundo outros a 11 do mês de Tybi (10 ou 6 de Janeiro)».

deravam o Baptismo como o momento do início da divindade de Cristo, era uma manifestação de Deus. Havia porém, segundo a hipótese de Usener<sup>18</sup>, uma tradição popular que dava ao nascimento virginal grande preponderância, o que originou que este aspecto adquirisse no Egipto um conteúdo litúrgico crescente. Ora, o que faziam os Basilidianos, bem como também os Valentinianos e os Naasenos, celebrando as duas festas, foi adoptado pela Igreja depois de algumas resistências, para evitar conotações pagãs. Mas quando entrou?

Orígenes, enumerando festas cristãs, não menciona a Epifania<sup>19</sup>, embora tenhamos a considerar que ele escrevia na Síria e não ia fazer alusão a uma tradição do Egipto<sup>20</sup>. Aliás, no comentário a Ezequiel, dá como data do Baptismo no Jordão 6 de Janeiro, sem falar da celebração<sup>21</sup>. Esta, no entanto, parece-nos provável porque se existia a data existiria a celebração. Todavia, este texto só o conhecemos através da tradução latina de S. Jerónimo<sup>22</sup>, o qual no seu próprio comentário do mesmo passo faz iguais cálculos. Uma outra referência do mesmo Orígenes encontra-se numa homilia sobre os Números 24, 17<sup>23</sup>, em que une a estrela dos Magos e a pomba do Baptismo, mas o influxo litúrgico nesta associação é apenas provável. Portanto, de Orígenes, nada de certo.

Sendo assim, os primeiros traços da festa da Epifania são os dos gnósticos do fim do século II e somente no fim do século III, segundo Usener<sup>24</sup>, e princípios do IV foi dada significação evangélica à festa gnóstica, que passando o período das perseguições teria grande expansão.

<sup>18</sup> Cf. USENER, *Weihnachtsfest*, 188.

<sup>19</sup> Cf. ORIGENES, *Contra Celsum* 8, 22: SC 150, 223-224; PG 11, 1550.

<sup>20</sup> Cf. R. COQUIN, *Les origines de l'Épiphanie en Egypte* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 160.

<sup>21</sup> ORIGENES, *Hom. in Ezechielem* 1, 4: PG 13, 673 B: «Ab hoc anno munera mihi quartum mensem et intellige baptizatum Jesum in quarto mense novi anni. Eo enim mense qui apud Romanos Januarii nuncupatur, baptismum Domini factum esse cognoscimus, qui est mensis quartus ab anon juxta supputationem Hebraeorum. Et quia de quatuor elementis mundi subsistens corpus assumpserat, recipiens etiam sensus humanos, ideo forsitan et in quarto mense et in quinto die mensis est intuitus visionem». Também duas fontes posteriores ao século VI — Anastácio, o sinaíta e o Chronicon de Alexandria — afirmam que o Baptismo de Cristo teve lugar a 11 do mês de Tybi (6 de Janeiro) (cf. COQUIN, *Origines*, 161).

<sup>22</sup> HIERONYMUS, *Com. in Ezechielem* I, 1, 2: PL 25, 18-19: «Illud quoque intelligendum, quod in trecesimo aetatis suae anno Dominus ad baptismum venerit: in quarto mense, qui apud nos vocatur Januarii, et est in anni primus exordium, praeter Nisan mensem novorum, in quo Pascha celebratur (...) Quintam autem diem mensis adiungit ut significet baptismum, in quo aperti sunt Christo coeli, et Epiphaniarum dies huiusque venerabilis est non ut quidam putant Natalis in carne, tunc enim absconditus est, et non apparuit».

<sup>23</sup> Cf. ORIGENES, *Hom. in Números* 18, 4: SC 29, 370-371; PG 12, 417.

<sup>24</sup> Cf. USENER, *Weihnachtsfest*, 189.

É o que de facto parece confirmado pelas Cartas Festivas de Atanásio, patriarca de Alexandria, que falam de um jejum a seguir à festa para celebrar o sol da justiça<sup>25</sup>. Este testemunho é confirmado por um Sinaxário copta que remonta ao século x<sup>26</sup>. Além deste, referindo-se a uma tradição antiga Abu'l-Barakat (séc. xiv), na enciclopédia «a luz nas Trevas»<sup>27</sup>, diz que a Igreja copta fazia uma quarentena de jejum a partir do dia seguinte ao Baptismo no Jordão (6 de Janeiro).

Podemos daqui concluir com Coquin<sup>28</sup> que Atanásio já em 329, ao falar do jejum que se seguia a uma festa, se referia à Epifania. Vamos agora ver qual seria o seu objecto. Aqui, é também S. Atanásio que por meados do século iv escreve que

«é preciso que o bispo se reúna com eles (viúvas, órfãos, pobres) na festa da manifestação do Senhor, que é no mês de Tuba, isto é, do Baptismo. Que o bispo reúna todas as viúvas e os órfãos e se alegre com eles com orações e hinos e dê a cada um o que tenha necessidade porque é um dia de bênção em que o Senhor foi baptizado por João... É também no mês de Tuba que o nosso Salvador se manifestou como Deus, mudando a água em vinho por um milagre admirável»<sup>29</sup>.

Ainda que este texto fale só do Baptismo e de Caná, as expressões «sol de justiça», que se manifesta nos seus raios divinos, da carta de 329, levam-nos a pensar que a Encarnação fizesse também parte da festa.

De facto, é assim que a encontra Cassiano no início do século v, quando por volta de 400 visitou os mosteiros egípcios<sup>30</sup>. O mesmo nos transmite um papiro egípcio do século iv-v, que apresenta um formulário litúrgico destinado a um coro da festa da Epifania e que

<sup>25</sup> ATHANASIUS, *Cartas festivas e pastorais* I, 1: CSCO 151, 1: «Meus amigos o momento nos convida a festejar; porque levantou-se para nós o sol da justiça, indicando-nos, pelos seus raios puros, o momento desta festa; a qual importa que brilhe pela obediência à vontade de Deus, de modo que o momento não escape e com ele se escape a alegria da festa».

<sup>26</sup> Cf. *Synaxarium Alexandrium*: CSCO 78, 65. 111.

<sup>27</sup> Manuscrito da Bib. Nat. de Paris, arm. 203 f.º 208r. traduzido em parte por L. VILLECOURT, *Observances liturgiques et discipline du jeûne dans l'Église copte*, in *Muséon* 36 (1923) 249-292; 37 (1924) 201-280; 38 (1925) 261-320.

<sup>28</sup> Cf. COQUIN, *Origines*, 154.

<sup>29</sup> Cf. ATHANASIUS, *Canones*: W. RIDEL-W. E. CRUM. *The Canons of Athanasius of Alexandria* (Text and Translation Society), London, 1904, 20-21.

<sup>30</sup> I. CASSIANUS, *Conlationes Patrum*, X 2: CSEL 13, 286; PL 49, 820-821: «quem diem provinciae illius sacerdotes vel dominici baptismi, vel secundum carnem Nativitatis esse definiunt, et idcirco utriusque sacramenti solemnitate non bifarie ut in occiduis provinciis, sed sub una diei hujus festivitate concelebrant».



tem como objecto o Baptismo no Jordão e a Encarnação, na noite de 5 para 6 de Janeiro:

«Nascido em Belém,  
Educado em Nazaré,  
Viveu na Galileia  
(lia-se o relato dos Magos de Mateus)  
Vimos um sinal do céu  
a estrela de luz  
(leitura da narração do nascimento segundo Lucas)  
Os pastores apascentando os seus rebanhos nos campos  
maravilharam-se, caíram de joelhos e cantaram:  
Glória ao Pai.  
Aleluia.  
Glória ao Filho e ao Espírito Santo  
Aleluia, Aleluia, Aleluia.»<sup>31</sup>.

Em presença de todas estas fontes, ainda não consideradas globalmente, podemos reconstituir a história evolutiva da celebração epifânica no Egipto.

Assim, ao que os basilidianos e outras seitas celebravam como manifestação do Senhor em substituição e aproveitando de datas pagãs, a Igreja deu novo sentido insistindo na Encarnação ao lado do Baptismo. O nascimento virginal tinha base popular, mas foi necessário dar-lhe na liturgia valor de verdadeira manifestação divina de Cristo, o que os basilidianos só viam no Baptismo. Não podemos concluir, portanto, que a Epifania é primariamente baptismal, como Coquin<sup>32</sup>, mas parece que sempre andaram unidos os dois motivos. Somente que o realce dado ao Baptismo pela teologia gnóstica foi atenuado pela grande Igreja que, mais tarde, haveria de fixar o Baptismo de Jesus como objecto principal da Epifania, por novas razões e não sem resistências.

De facto, embora a troca de festas entre Oriente e Ocidente se efectuasse por cerca de 380, como veremos, só em 432 se introduziu no Egipto a festa de 25 de Dezembro e se reservou a Epifania só para o Baptismo. É o sermão de Paulo de Emessa, pronunciado a 25 de Dezembro de 432, em Alexandria, que nos dá pela primeira vez,

<sup>31</sup> G. BICKELL, *Mittheilungen aus der Sammlung der Papyrus Erzherzog Rainer*, II, Wien 1887, 83-86. Texto em grego clássico em USENER, *Weihnachtsfest*, 190.

<sup>32</sup> Cf. COQUIN, *Origines*, 169.

aí, a festa do Natal <sup>33</sup>. Na mesma época temos outro testemunho de Isidoro de Pelusa (+ 435):

«Quando a Teofania ou a Natividade do Salvador segundo a carne calham ao domingo, isto faz uma dupla solenidade» <sup>34</sup>.

Vejamos agora como se situa Caná.

Já notamos no texto de Atanásio que o milagre de Caná era objecto de uma festa no mês de Janeiro. Esta relaciona-se com a mudança da cor das águas do Nilo e com as celebrações, talvez com fundamento neste facto, que se faziam em muitos locais, mesmo fora de Alexandria. No entanto, através destas festas é sempre o mesmo mistério da manifestação de um deus que se realiza. Ele actua-se aqui, como em Caná, pela santificação das águas, apesar desta ser radicalmente distinta.

É curioso notar que apesar da ligação de Caná ao nascimento do Salvador ter sido afastada, no Oriente, pelo Baptismo, a liturgia copta, que é herdeira da liturgia alexandrina, colocou a festa do milagre do vinho no terceiro dia depois da Epifania, isto é, 8 de Janeiro. O facto está patente nos menólogos copto-árabes medievais <sup>35</sup>. Um antigo livro de Evangelhos e versículos descreve assim a festa de Caná: na oração da tarde (vésperas) lia-se Mt. 19, 1-12, com o versículo «Jesus Cristo ontem e hoje...»; em matinas lia-se Jo. 4, 43-54, com o seguinte versículo:

«Jesus o Nazareno  
abençoou a água e transformou-a em vinho  
um milagre até então nunca visto  
desde Adão até aos nossos dias»;

na Eucaristia lia-se Jo. 2, 1-11, com o versículo que segue:

«Seis vasos de água  
que tu mudarás em vinho especial  
para a tua grande glória  
na festa de casamento em Caná da Galileia»;

<sup>33</sup> Cf. PAULUS EMESEUS, *Homiliae*: PG 77, 1434. Esta homilia foi pronunciada no Concílio de Éfeso.

<sup>34</sup> ISIDORUS PELUSITOTA, *Epistolarum* III, 110: PG 78, 816 D.

<sup>35</sup> Cf. PO 10, 196; cf. *The Calendar of the coptic Church*, ed. S. C. Malan (= Original Documents of the Coptic Church 2), London 1873, 18.

e na saudação final dizia-se:

«Houve um grande milagre  
em Caná da Galileia  
tu transformastes água em vinho  
e eles acreditaram nos teus dons»<sup>36</sup>.

Um calendário etiópico coloca Caná no dia seguinte ao Baptismo, isto é. a 12 de Janeiro<sup>37</sup>. A liturgia etiópica, levada de Alexandria no tempo de Atanásio, teve depois as suas evoluções locais.

Todos estes vestígios da narração do início dos sinais do evangelho de S. João atestam uma ligação e vizinhança com a Epifania.

### 1.1.2. *Palestina e Arménia*

No que diz respeito à Palestina sabemos por Egéria apenas algumas indicações, já que o texto que nos interessaria está mutilado<sup>38</sup>. Na verdade, durante a oitava da festa (da Epifania) celebra-se de forma solene o Ofício, percorrendo sucessivamente as várias igrejas de Jerusalém. Igualmente, em Belém, se celebra, todos os dias da oitava, na sua igreja.

Será que esta festa, que a peregrina não descreve totalmente, era considerada além de festa do Nascimento de Cristo, festa do seu Baptismo?

Holl, baseado num sermão que está entre as obras de S. João Crisóstomo, propunha para a falha do texto do *Itinerarium* (*Peregrinatio*) uma cerimónia no Jordão<sup>39</sup>. Botte, com razão, rejeita esta hipótese<sup>40</sup>. De facto, o referido sermão não pode ser interpretado literalmente<sup>41</sup>. A expressão «vamos ao Jordão» parece ser uma clara

<sup>36</sup> *The Holy Gospel and versicles as used in the coptic Church*, ed. S. C. Malan (= Original Documents of the Coptic Church 4), London, 1874, 43-44.

<sup>37</sup> Cf. H. A. DANIEL, *Codex liturgicus Ecclesiae orientalis*, I, Lipsiae 1853, 250. Um menólogo jacobita do século XIII coloca o milagre das Bodas como leitura do domingo da entrada em jejum (PO 10, 125).

<sup>38</sup> Cf. EGERIA (AETHERIA, SILVIA), *Itinerarium* (*Peregrinatio*) 25: CCL 175, 70-72; PLS 1, 1073-1075.

<sup>39</sup> Cf. HOLL, *Ursprung*, 126.

<sup>40</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 14-15; cf. igualmente A. RENOUX, *L'Épiphanie à Jérusalem au IVe. et au Ve. siècle* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 192.

<sup>41</sup> Ps-IOANNES CHRYSOSTOMUS, *Sermo de cognitione Dei*: PG 64, 44-45: «In sacro loco Bethalem debitam adorationem praestare festinavimus omnium nostrum Domino Deo, qui propter nos humanam naturam assumere dignatus est (...) Non magna res est igitur, si nos, parvum hanc ab urbe distantiam emensi, ad hunc locum veniamus ut adoremus. Eamus rursus et ad Jordanem, mysteria visuri in illo exhibita, quomodo mare vidit et fugit suum Dominum».

figura retórica. Além disso, a deslocação de Belém ao Jordão não podia ser realizada na prática, mas somente na imaginação contemplativa.

Completando, porém, Egéria com outras fontes do século IV-V poderemos chegar a uma resposta à pergunta feita. Trata-se do antigo leccionário arménio que nos descreve a liturgia de Jerusalém<sup>42</sup> e do leccionário georgiano<sup>43</sup>. O primeiro fala-nos só da festa de 6 de Janeiro, que celebra o Nascimento de Cristo. O segundo informa-nos que a 25 de Dezembro se celebrava já também o Natal.

Assim, da combinação das fontes, vemos que a festa tem o seguinte programa. Clero e fiéis de Jerusalém e Belém reúnem-se pelas quatro horas da tarde do dia 5 de Janeiro, no lugar do anúncio aos pastores e do canto do *Gloria in excelsis*. Aqui o Ofício consta do Salmo 22 (22, 1 como antífona), do Salmo 79 (com Aleluia) e da leitura de Lucas 2, 8-20. Deste lugar bíblico, deslocam-se para a cripta da Natividade em Belém, onde novo Ofício, de igual estrutura, é celebrado: Salmo 2 (antífona 2, 7), Salmo 109 (com Aleluia) e a leitura de Mateus 1, 18-25. Finalmente ainda no dia 5, sobem da cripta para a igreja e começam a Vigília que se abre com o Salmo 131 e continua com onze leituras<sup>44</sup>. A vigília é seguida de missa. Depois, a comunidade de Jerusalém cantando o *Benedictus* separa-se da de Belém.

Neste ponto começa a peregrinação de Egéria a dar-nos informações. No dia 6, a manhã abre-se com uma celebração eucarística no Martyrium<sup>45</sup>. A celebração prossegue por oito dias com estação em cada um dos grandes santuários de Jerusalém.

Podemos verificar, tanto pelos salmos, como pelas leituras, como pelas antífonas escolhidas, como ainda pela visita aos lugares historicamente ligados com a vinda de Jesus sobre a terra, que era

<sup>42</sup> Cf. F. C. CONYBEARE, *Rituale Armenorum*, Oxford 1905, 517, dá-nos o manuscrito da B. N. Paris, Arm. 44. A. RENOUX, *Un manuscrit du lectionnaire arménien de Jérusalem*, in *Muséon* 74 (1961) 361-385; 75 (1962) 385-398, transcreve o Manuscrito de Jerusalém, Convento de S. Tomé 121.

<sup>43</sup> Cf. M. TARCHNISCHVILI, *Le grand lectionnaire de l'Église de Jérusalem* (= CSCO 188-189. 204-205), Louvain 1959-1960.

<sup>44</sup> Das onze leituras, a primeira, a terceira e a décima primeira são iguais às da Vigília pascal: Gen. 1, 1-3. 20; Ex. 14, 24 — 15, 21 e Dan. 3, 1-90. O sentido deste costume é talvez o de que a celebração do nascimento abrindo o ano litúrgico, em que se celebra o mistério de Cristo, é já em germen todo o mistério pascal. (Cf. RENOUX, *Épiphanie*, 185). Assim, a leitura do Êxodo não dá carácter baptismal à festa como alguns pensavam (cf. K. ONASCH, *Das Weihnachtsfest im orthodoxen Kirchenjahr*, Berlin 1957, 133), mas mostra a história da salvação na sua preparação, como na vigília pascal.

<sup>45</sup> EGERIA, *Itinerarium*, 25, 9: CCL 175, 71; PLS 1, 1075.

sobretudo o nascimento com a Adoração dos Magos o que se queria celebrar, no século IV e V até cerca de 440, como veremos em seguida. Com efeito, a versão georgiana do leccionário de Jerusalém juntará ao tema do Nascimento de Cristo, o do Baptismo, em função do qual é escolhida a maior parte dos textos litúrgicos<sup>46</sup>.

O tom baptismal da Epifania deve-se à introdução do Natal do Ocidente a 25 de Dezembro mas, aqui como no Egipto, esta celebração não teve efeito durável até ao século VI-VII. Mas quando foi feita a tentativa da introdução?

Um sermão, atribuído a Basílio de Selêucia, diz que a Igreja construída por Juvenal, bispo de Jerusalém (424-458), «começou a celebrar o glorioso, salutar e adorável Nascimento do Senhor»<sup>47</sup>. Confrontando este testemunho com um texto anónimo, onde se diz que Juvenal teria escrito ao Papa a perguntar pelo dia verdadeiro do Nascimento de Cristo<sup>48</sup>, e atendendo às Actas de Santa Melânia<sup>49</sup>, podemos concluir com Botte que aqui, como em Alexandria, o Natal foi introduzido por volta de 430. Que esta introdução não teve efeito durável prova-o Cosme Indicopleustas<sup>50</sup>, que escreveu por meados do século VI. Mostra que só os cristãos de Jerusalém celebram no dia da Epifania o Nascimento do Salvador. Erradamente, Vailhé<sup>51</sup> crê que Cosme erra. Na verdade, Abraão de Éfeso (530-553) confirma a notícia anterior:

«até hoje só os palestinianos e os árabes vizinhos não estão de acordo com o parecer comum de todos e não celebram a nossa festa da Santa Natividade de Cristo»<sup>52</sup>.

Continuando a evolução histórica, parece que a festa foi introduzida, de novo, no final do século VI, pois que Nicéforo Calisto fala

<sup>46</sup> *Leccionário de Jerusalém* 83-116: CSCO 189, 19-25.

<sup>47</sup> Cf. BASILIUS SELEUCIENSIS, *Oratio* 42: PG 85, 469 AB.

<sup>48</sup> Cf. *Necessaria narratio*: PG 1, 861-862. Trata-se das notas às Constituições Apostólicas.

<sup>49</sup> *Vita Sanctae Melaniae Junioris* II, 33, in *Analecta Bollandiana* 8 (1889) 58.

<sup>50</sup> COSMAS INDICOPLEUSTAS, *Topographia christiana* V: PG 88, 197: «Jerosolymitani vero quasi ex beati Lucae auctoritate, qui in Christum baptizatum fuisse incipientem quasi annorum triginta, in die Epiphaniae Natalem celebrant (...) Verum Ecclesia ab antiquis temporibus, ne duas illas solemnitates eo ipso die celebrans, alterutrius oblivionem induceret praeccepti ut secundum numerum apostolorum duodecim dies intercederent, atque tunc Epiphaniae sollemnitas celebraretur» (...).

<sup>51</sup> Cf. VAILHÉ, *Introduction de la fête de Noël à Jerusalem*, in *Échos d'Orient* 8 (1905) 215-216.

<sup>52</sup> ABRAHAMUS EFHESINUS, *Oratio in Annuntiat*. 1: PO 16, 443: «soli vero usque ad hodiernam diem Palestines et finitimi Arabes communi omnium sententiae non assentiunt, neque nostram festivitatem sanctae Christi nativitatis celebrant».

de um édito de Justino II (565-578), que obrigou à festa do Natal distinta da de 6 de Janeiro<sup>53</sup>. Também um anónimo, que viaja pela terra santa pelo mesmo período, vê celebrar as duas festas distintas<sup>54</sup>.

Da análise feita, verificamos que Caná não é celebrado na Palestina, mas sim Natividade e Magos. O Baptismo também só adquire importância com a tardia e difícil mudança da Natividade para 25 de Dezembro. Gassisi vê no Concílio de Calcedónia a ocasião para esta transformação<sup>55</sup>. A resistência deve-se ao facto de Jerusalém pretender ser a fiel depositária dos acontecimentos da vida de Cristo.

A Arménia é, no Oriente, um caso particular, pois mantém a tradição de Jerusalém e nunca celebrou duravelmente a festa de 25 de Dezembro. Sempre celebrou uma única festa que começava a 6 e terminava a 13 de Janeiro, englobando como motivos a Natividade, a Adoração dos Magos e o Baptismo no Jordão<sup>56</sup>, que entretanto já tinha entrado.

### 1.1.3. *Síria*

Já vimos através do testemunho de Orígenes que a festa da Epifania não existiu na Síria antes dos meados do século III. Com efeito, a primeira fonte que encontramos é S. Efrém nos seus numerosos hinos para a Epifania (Natividade). Embora estes não façam alusão ao dia da festa podemos confirmar, pela insistência temática dos seus hinos, que tratam dos motivos da celebração, uma vez que ela os inspirava. Na noite de 5 para 6 de Janeiro celebra-se o Nascimento, a Adoração dos Magos e o milagre da estrela. No dia seguinte a Adoração dos Magos e o Baptismo de Cristo nas águas do Jordão. Todos estes motivos surgem numa perspectiva comum de manifestação<sup>57</sup>. Possui hinos tipicamente baptismais<sup>58</sup>, dois que fazem uso de termos solares<sup>59</sup>, um outro une o nascimento e o baptismo<sup>60</sup>; um outro fala somente da Natividade e da Adoração dos Magos<sup>61</sup>.

<sup>53</sup> Cf. NICEPHORUS CALLISTUS, *Ecclesiasticae Historiae* 18: PG 147, 292.

<sup>54</sup> Cf. ANTONINUS PLACENTINUS, *Itinerarium* 11. 30: CCL 175, 135. 144; PL 72, 903. 909.

<sup>55</sup> Cf. GASSISI, *Epifania*, 4 (1912) 217. 220.

<sup>56</sup> Cf. *Rituale Armenorum*, 165-189.

<sup>57</sup> Cf. CULLMANN, *Noël*, 20.

<sup>58</sup> Cf. EPHRAEM SYRUS, *Hym. de Epiph.* 3 e 4: CSCO 187, 134-144; Lamy, I, 28-50.

<sup>59</sup> Cf. ID., *Hym. de Nativ.* 21 e 22: CSCO 187, 14-105; Lamy, II, 430-462.

<sup>60</sup> Cf. ID., *Hym. de Epiph.* 10: CSCO 187, 166-169; Lamy, I, 98-102.

<sup>61</sup> Cf. ID., *Hym. de Epiph.* 15: Lamy, I, 130.

A variedade não deve surpreender-nos já que os hinos podiam ser utilizados em vários momentos da celebração ou então serem compostos sem um objectivo litúrgico, mas inspirados numa teologia vivencial e litúrgica. Além do mais, só posteriormente, com a introdução do Natal de 25 de Dezembro, é que os seus hinos foram reagrupados em dois. São de notar ainda as alusões que faz ao milagre de Caná nos hinos da Epifania <sup>62</sup>.

Se tivermos em conta também o comentário de S. Efrém ao evangelho quando diz:

«Porque é que, como primeiro sinal, Nosso Senhor mudou a natureza das águas? É para mostrar que a divindade, que tinha transformado a natureza nos outros, tinha transformado esta mesma natureza no seio da virgem (...). Era o símbolo do seu corpo miraculosamente concebido e maravilhosamente criado numa virgem, sem obra do homem. Ele transformou a água em vinho para provar como a sua concepção e o seu nascimento foram realizados» <sup>63</sup>,

poderemos considerar a hipótese de unido ao nascimento também andar o milagre do vinho, como motivo da festa epifânica. Sabemos que, com a introdução do Natal de 25 de Dezembro, o Baptismo adquiriu importância. Com o novo contexto em que se celebra o Natal, o elemento das Bodas de Caná desapareceria e passaria na liturgia Síria oriental a ser utilizado no IV Domingo da Epifania <sup>64</sup>. De qualquer modo, se não podemos juntar com certeza Caná, sabemos que Efrém o considerava unido com a manifestação divina ao fazer nascer Jesus de uma virgem e ligada simbolicamente ao Baptismo. Quase nada de simbólico escapou à pena do grande poeta, como se vê do conjunto do seu pensamento acerca de Caná.

Em Antioquia, a festa ocidental da Natividade ocorre no tempo de S. João Crisóstomo. Até aí existia uma festa a 6 de Janeiro, come-

---

<sup>62</sup> Cf. ID., *Hym. de Epiph.* 3, 22: CSCO 187, 138; Lamy, I, 40: «Da água criou vinho, deu de beber aos convivas na festa de casamento. Para vós que jejuais o óleo é melhor do que a bebida. Pelo seu vinho fomos unidos, pelo seu vinho fez-se a união, pelo seu óleo a santificação», *Hym. de Epiph.* 8, 18: CSCO 187, 162; Lamy, I, 86: «o que recebeu o Baptismo e revestiu o Senhor Unigénito ocupa o lugar de muitos porque Cristo é para ele um grande tesouro. Ele fez uma mesa de delícias no deserto e no convívio de Caná a fonte dos vinhos, tudo foi feito para todos pelos seus auxílios, curas, conselhos».

<sup>63</sup> Cf. ID., *Com. evang.* 5, 6-7: SC 121, 109-110.

<sup>64</sup> Cf. LEMARIÉ, *Manifestation*, 439.

morando o Baptismo e o Nascimento de Cristo. Eis o que diz Crisóstomo no célebre sermão do Natal:

«Há já algum tempo eu desejava ver este dia, e (...) vê-lo com tanta multidão de povo; eu fazia continuamente votos por ver esta assembleia na forma completa que me é dado contemplar, agora, finalmente isto aconteceu e tive pleno sucesso. Ainda não há dez anos que eu conheço este dia, todavia ele tornou-se tão célebre (...) que parece estar a ser retardado pelos antigos há muito. Daí não se erraria se se quisesse chamar-lhe novo e ao mesmo tempo antigo: novo porque recentemente chegou ao nosso conhecimento, velho e antigo porque em breve tempo se tornou coetâneo ao da data anterior, atingindo a mesma plenitude dos outros»<sup>65</sup>.

O conhecimento recente veio de Roma<sup>66</sup>. Mais: parece que a festa acaba de ser introduzida pela justificação que dela faz João Crisóstomo neste sermão e pelo convite que dirigiu antes uns dias aos cristãos para que participassem:

«Aproxima-se uma festa, que é a mais augusta e veneranda de todas e não seria errado que a chamasse metrópole de todas as festas. Qual é mais do que esta? É o Nascimento de Cristo na carne. Desta têm origem e fundamento a Epifania, a santa Páscoa, a Ascensão e Pentecostes; já que se Cristo não tivesse nascido na carne, não teria sido baptizado, o que é a Epifania; não teria sido crucificado, o que é a santa Páscoa; e não teria enviado o Espírito Santo, que é o Pentecostes. Assim, do Natal, como de uma fonte de que irrompem diversos rios, nos provêm todas estas festas (...). Por isso eu vos conjuro a todos e suplico a cada um, que abandonada a própria casa, intervenha com solicitude e cuidado a fim de que contemplemos o Nosso Senhor deitado na manjedoura envolto em faixas...»<sup>67</sup>.

Pelo que vimos, tudo indica que a festa do Natal tenha sido introduzida no ano em que ele prega, isto é, 386/387. A partir daí a Epifania torna-se exclusivamente festa do Baptismo. O facto é confirmado por um sermão da Epifania de S. João Crisóstomo<sup>68</sup> e pelo seu contemporâneo Severiano de Gabala<sup>69</sup>. Igualmente as Constituições Apostólicas incluem o Baptismo por ser simplesmente mani-

<sup>65</sup> IOANNES CHRYSOSTOMUS, *Hom. in diem Natalem*: PG 49, 351.

<sup>66</sup> Cf. *Ibid.*, 353.

<sup>67</sup> ID., *Hom. Philogonio*: PG 48, 752-753.

<sup>68</sup> Cf. ID., *Hom. de Baptismo Christi et de Epiphania*: PG 49, 363-372.

<sup>69</sup> Cf. SEVERIANUS GABALITANUS, *Oratio in Dei Apparitionem*: PG 65, 15-26.



festação da divindade<sup>70</sup>. Severo de Antioquia, com as suas homilias para o Natal e Epifania (Festa das luzes) atesta ainda a introdução<sup>71</sup>.

O Leccionário de Mossail, da liturgia nestoriana, usa para a Epifania leituras respeitantes só à Encarnação, o que testemunha, segundo Botte<sup>72</sup> uma tradição anterior da festa da Epifania<sup>73</sup>.

Do conjunto destas fontes podemos concluir que a Síria comemoraria, num primeiro tempo, o Nascimento de Cristo, mas por meados do século IV comemora, além da Natividade, a Adoração dos Magos e o Baptismo. Em Antioquia, quando se introduz a festa de 25 de Dezembro, a Epifania passa a ser exclusivamente baptismal. Ainda que o milagre de Caná não entrasse como objecto da festa na liturgia siríaca, dado o relevo que S. Efrém lhe dá nos seus hinos, estaria muito presente no espírito epifânico desta região. A bênção da água, que se começou a realizar nos finais do século IV na festa da Epifania, num manuscrito do século VII-IX, também menciona o milagre de Caná para atestar o poder da santificação de Cristo<sup>74</sup>.

#### 1.1.4. *Asia Menor e Constantinopla*

O testemunho mais antigo da festa da Epifania seria da Trácia, da Paixão de S. Filipe de Heracleia (+ 304)<sup>75</sup>. Aí um discurso atribuído ao Santo refere as seguintes palavras: «Epiphaniae dies sanctis incumbit»<sup>76</sup>. Porém, este texto, como bem demonstra Botte, aproveitando outros estudos<sup>77</sup>, não pode ser tomado por nós como

<sup>70</sup> Cf. *Constitutiones Apostolorum* V, 13, 2: Funk, 269; VII, 36, 2: Funk, 434, VIII, 33, 6-7: Funk, 540.

<sup>71</sup> Cf. SEVERUS ANTIOQUENUS, *Hom.* 63: PO 8, 287-313; *Hom.* 83: PO 20, 399-420; *Hom.* 101: PO 22, 249-273 e, quanto ao Natal; *Hom.* 66: PO 8, 331-349; *Hom.* 103: PO 22, 289-302.

<sup>72</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 25.

<sup>73</sup> Cf. F. C. BURKITT, *The Early syriac lectionary system*, in *Proceedings of the British Academy* 10 (1921-23) 306.

<sup>74</sup> A. DU BOULLAY — G. KHOURI-SARKIS, *La bénédiction de l'eau la nuit de l'Épiphanie dans le rite syrien d'Antioche*, in *L'Orient Syrien* 4 (1959) 225-226: «Deus grande e temível, que estás acima de todo o louvor; tu que estás sentado sobre os querubins e és glorificado pelos serafins; tu que fizeste coisas sublimes e insondáveis de número incalculável; tu que, pela vara, tornaste doces as águas amargas, através de Moisés, e deste de beber ao teu povo que tinha sede; tu que tornas sadias, pelo sal, as águas mais estéreis e infecundas, em Jericó, por intermédio do profeta Eliseu, e concedeste ao teu povo águas abundantes e fecundas: tu que mudaste a natureza da água em vinho em Caná da Galileia e santificaste o Jordão por João...».

Este texto encontra-se no Manuscrito do Brit. Museum Add. 14. 494.

<sup>75</sup> Assim o considera KELLNER, *Heortologie*, 130.

<sup>76</sup> Cf. *Actas de los Martires*, ed. D. Ruiz-Bueno (= BAC 75), Madrid 1951, 1056.

<sup>77</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 26-27.

notícia da festa da Epifania, quer porque o próprio texto do discurso pode ter sido retocado, quer porque a própria palavra *Epiphania* aparece num contexto escatológico e está mal traduzida do original grego, pois deveria estar *parusia*.

Na realidade, só nos fins do século IV temos mais informações para a história da Epifania e do Natal na Ásia e Constantinopla. São as homilias de S. Gregório de Nazianzo, que nos dizem ter sido ele mesmo o introdutor da festa por volta de 379/380<sup>78</sup>. Noutro sermão anuncia a próxima festa do Baptismo de Cristo<sup>79</sup>. A celebração do Natal abrangia a Adoração dos Magos e dos Pastores<sup>80</sup> e a Epifania é chamada festa das Luzes:

«O santo dia das Luzes ao qual chegamos (...) tem o seu começo no Baptismo de Cristo, que é a luz verdadeira iluminando todo o homem que vem a este mundo. Ela opera a nossa purificação e acrescenta a luz que nós recebemos d'Ele desde o começo e que tínhamos obscurecido e turbado pelo nevoeiro do pecado»<sup>81</sup>.

Embora o nome de festa das Luzes se adapte perfeitamente às duas solenidades do Natal e da Epifania, pois em ambas a Encarnação aparece como um mistério de iluminação e de salvação de Cristo, Sol da justiça e verdadeira luz, Gregório e outros Padres do Oriente usam-na para a Epifania e por motivos ligados com o Baptismo<sup>82</sup>.

Assim também a denomina Gregório de Nisa, que no sermão da Epifania faz referência também no Natal<sup>83</sup>. Outra alusão encontra-se na oração fúnebre de S. Basílio (+ 379)<sup>84</sup> e em dois sermões sobre Santo Estêvão<sup>85</sup>, para além do próprio sermão para o Natal<sup>86</sup>.

<sup>78</sup> GREGORIUS NAZIANZENUS, *Oratio* 39, 14: PG 36, 350: «Iam Christi quidem Nativitas congrua solemnitate prius, tum a me festi duce et auspice, tum a vobis, atque, adeo ab omnibus, tam qui in mundo versantur, quam qui mundo sublimiores sunt, celebrata est. Cum stella cucurrimus, cum Magis adoravimus, cum pastoribus luce circumfusi sumus, cum angelis divinam gloriam preadicavimus...».

<sup>79</sup> ID., *Oratio* 38, 16: PG 36, 329.

<sup>80</sup> Cf. *Ibid.*, 332.

<sup>81</sup> Cf. ID., *Oratio* 39, 1: PG 36, 336.

<sup>82</sup> Cf. para mais pormenores E. MELIA, *Le theme de la lumière dans l'hymnographie byzantine de Noël* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 237-256; I. H. DALMAIS, *Le thème de la lumière dans l'office du matin des Églises syriennes orientales* (= Lex Orandi 40), Paris 1967, 257-276; BOTTE *Origines*, 79-81 e LEMARIÉ, *Manifestation*, 45.

<sup>83</sup> Cf. GREGORIUS NYSSENUS, *Oratio in Bap. Christi*: PG 46, 578.

<sup>84</sup> ID., *Oratio funebris*: PG 46, 789 A: «Nam quae propter divinam Unigeniti Filii apparitionem, per partum Virginis a mundo festivitas instituta est, ea non simpliciter sancta celebritas est, sed sancta sanctorum, et celebritas celebritarum».

<sup>85</sup> Cf. ID., *Oratio in S. Stephanum*: PG 46, 701. 721.

<sup>86</sup> Cf. ID., *Oratio in Natalem Christi*: PG 46, 1128-1149.

De facto, aqui não se trata da festa da Epifania, porque para os três capadócios o termo Teofania designa o Natal.

Também nesta região, como no Egipto e na Síria, com a introdução da festa ocidental, a Epifania passa a celebrar o Baptismo no Jordão, como vimos com S. Gregório Nazianzo.

Não deixa de ter significado que a introdução da referida celebração da Natividade esteja relacionada com os grandes teólogos, num tempo conturbado para a ortodoxia. Celebrar o Natal era destacar-se dos heréticos. Era, além disso, prova de veneração para com a Igreja de Roma.

Depois da saída de Gregório de Nazianzo, em 381, da sua sede episcopal de Constantinopla, seria natural que a instituição recente da festa sofresse algum abalo, mas a notícia de João de Nicéia, acerca da reintrodução da solenidade pela família imperial, por volta de 395, no tempo de Honório<sup>87</sup>, não tem valor<sup>88</sup>. Na verdade, a notícia deve-se talvez ao maior impulso que S. João Crisóstomo, nessa altura aí patriarca, daria à celebração, ainda que pouco depois tenha decaído, só retornando ao seu lugar no século VII<sup>89</sup>.

Vestígios das Bodas de Caná encontram-se no Sinaxário de Constantinopla<sup>90</sup>, onde a memória de Caná é feita a 8 de Janeiro.

### 1.1.5. Conclusão

Perante uma festa pagã, de 5 para 6 de Janeiro, tenta-se dar-lhe um novo sentido. Ora, como esta festa é epifânica, como o é a santificação das águas, dois sentidos teológicos são dados a este aspecto aquático da festa, substituindo-o pela comemoração do Baptismo de Jesus ou pelas Bodas de Caná. A uma crença, atestada por Plínio, Epifânio e outros, como vimos, deram-se duas «explicações teológicas»<sup>91</sup>.

Podemos ver, assim, que a uma festa da Natividade primitiva, sugerida pela festa pagã do solstício de inverno, uniu-se, no Oriente,

<sup>87</sup> Cf. IOANNES NICENUS, *Hist. haer. Monoth.*, Paris 1648, 306.

<sup>88</sup> Cf. GASSISI, *Epifania*, 4 (1912) 278-279; BOTTE, *Origines*, 28; KELLNER, *Heortologie*, 98, crê que a festa correu perigo com a saída de Gregório.

<sup>89</sup> Cf. J. LEMARIÉ, *Les antiennes «veterem hominem» du jour octave de l'Épiphanie et les antiennes d'origine grecque*, in *Eph. Lit.* 72 (1958) 28.

<sup>90</sup> Cf. *Sinaxarium Constantinopolitanum*, ed. H. Delahaye, in *Acta Sanctorum*, Nov., Propylaeum, Bruxellae 1902, 380.

<sup>91</sup> BOTTE, *Origines*, 74.

um outro aspecto: ou o Baptismo de Jesus ou Caná. Isto aconteceu primeiramente talvez no Egipto, passando logo à Palestina e à Síria. A entrada do Baptismo foi progressiva. É a introdução da festa da Natividade ocidental que lhe dá grande projecção e o torna, no século v, e momentaneamente objecto único da Epifania. Num primeiro tempo é considerado «manifestação (de Cristo) ao mundo pelo testemunho do Pai»<sup>92</sup> e só depois é que a santificação das águas ganha importância.

Além desta diferença de objectos no decorrer do tempo, verifica-se uma também no espaço. De facto, a tradição palestinese aparece arreigada à Natividade por longo tempo, enquanto as outras Igrejas cedo incluíram o elemento Baptismal que haveria de sobreviver. Desta tradição palestinese ou da natividade primitiva das outras Igrejas, teria Roma recebido influência para a introdução da festa do Natal.

Quanto à tradição do ligame de Caná ao nascimento de Cristo, verificamos que foi afastada no Oriente pelo Baptismo e permaneceu só através de alguns vestígios que fomos notando.

A memória do milagre de Caná, na liturgia, tem portanto origem oriental, muito provavelmente egípcia. Como há uma coincidência de festas, ressalta do milagre do vinho o seu sentido epifânico. Atendendo a que, nessa festa, o Baptismo no Jordão também jogava um papel importante, a água transformada em vinho foi aproveitada como sinal confirmador do poder da água baptismal. Lundberg parece ter razão quando insiste na ideia de transformação como fundamental para a sua introdução na festa, mais do que a de epifania. Seria através de orações baptismas usadas na Epifania que o motivo de Caná entrou em contacto com a festa<sup>93</sup>.

## 1.2. Ocidente

A síntese de um conhecido manual de liturgia ao dizer: «do Oriente a festa da Epifania, como por troca com o Natal, deslocou-se para o Ocidente pelos meados do século iv, talvez através das Gálias»<sup>94</sup>, esconde muitas dificuldades de uma história nada simples. Vamos

<sup>92</sup> *Ibid.*, 82.

<sup>93</sup> P. LUNDBERG, *La typologie baptismale dans l'ancienne église*, Leipzig-Uppsala 1942, 23-25.

<sup>94</sup> Cf. M. RIGHETTI, *Manuale di Storia liturgica*, II, Milano 1969, 104.

percorrer o caminho das fontes segundo as várias Igrejas locais dando mais realce ao elemento de Caná, se este aparecer.

Não queremos entrar na história da festa do Natal, porque não é esse o nosso objectivo, mas não podemos deixar de apontar as etapas essenciais, devido à ligação que esta celebração tem com a Epifania.

Roma, conhecedora da festa da Epifania oriental — se não antes, talvez através do Concílio de Niceia (325) — começa a celebrar a festa da Natividade — que adquirira no Oriente importância para rebater as teses gnósticas — no dia que mais lhe convinha para combater o culto solar pagão, isto é, a 25 de Dezembro. Esta hipótese é muito provável, pois o primeiro testemunho do Natal romano é de 336. Trata-se do Cronógrafo de 354<sup>95</sup>. Também uma notícia de João de Niceia diz que a Igreja romana começou a celebrar o nascimento do Senhor a 25 de Dezembro sob o papa Júlio I (337-352)<sup>96</sup>. De Roma, o Natal passou ao norte de África e a todas as outras Igrejas, como veremos no Ocidente e já vimos no Oriente, com a adopção da nova data.

Dada esta explicação inicial, passemos a ver a história da Epifania nas várias regiões eclesiais, começando pelas Gálias, donde nos vem o primeiro testemunho do milagre de Caná, como objecto de comemoração litúrgica.

### 1.2.1. *Gálias*

A primeira informação é do pagão Amiano Marcelino<sup>97</sup>, datada de 361, do qual Botte, por comparação com outro tardio documento de Zonaras<sup>98</sup>, conclui que provavelmente se celebrava a Natividade a 6 de Janeiro nas Gálias<sup>99</sup>. Porém, o objecto da celebração permanece duvidoso e terreno sólido encontramos só com Paulino de Nola, no século v (+ 431)<sup>100</sup>. Na verdade, a expressão «deinde»

<sup>95</sup> Cf. *Chronographus* a. 354, 11: MGH AA IX/1, 70.

<sup>96</sup> Cf. IOHANNES NICENUS, *Censura epistolarum*, I: PL 8, 964-965.

<sup>97</sup> AMMIANUS MARCELLINUS, *Rerum gestarum* XXI 2, 5: BT s. n., 233.

<sup>98</sup> Cf. ZONARAS, *Annales* XIII 11: PG 134, 1141.

<sup>99</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 46.

<sup>100</sup> PAULINUS NOLANUS, *Poemata* 27, *De S. Felice*: CSEL 30, 264; PL 61, 649:

«Sic aequae feruntur munera Christi  
ut veneranda dies cunctis qua virgine natus  
pro cunctis hominem sumpsit Deus utque deinde

parece distinguir já dois dias diferentes: um para o Natal, outro para a Epifania. O que todavia mais interessa é que o bispo de Nola nos dá como motivo da festa a Adoração dos Magos, o Baptismo e o milagre de Caná. Também o calendário de Polémio Sílvio (448-449) adopta os três milagres na ordem de Magos, Caná e Baptismo<sup>101</sup>.

Um sermão atribuído a Cesário de Arles (+ 542), refere igualmente os três milagres, colocando Caná em último lugar<sup>102</sup>. Sedato, bispo de Béziers (séc. vi) põe o milagre do vinho antes do Baptismo e informa-nos que se lê na festa o Evangelho que narra as Bodas de Caná<sup>103</sup>. Na verdade, dois leccionários galicanos dão confirmação desta notícia reunindo numa mesma leitura Mt. 3, 13-17; Lc. 3, 23 e Jo. 2, 1-11, como evangelho do dia da Epifania. É o caso do Evangelário de Luxeuil<sup>104</sup>, do fim do século VII-VIII, e do Missal do Bobbio<sup>105</sup>. Salmon diz que estes centões da Igreja galicana (também usadas na Hispania) têm origem siríaca<sup>106</sup>.

### 1.2.2. Hispania

As duas festas, Natal e Epifania, entraram por volta de 380, pois o Concílio de Saragoça já a elas faz alusão<sup>107</sup>. Ao Natal faz

qua puerum stella duce mystica dona ferentes  
suppliciter videre magi seu qua magis illum  
Jordanis trepidans lavit tingente Ioanne  
sacramentem cunctas recreantem gentibus undas  
sive dies eadem magis illo sit sacra signo  
quo primum Deus egit opus, cum flumine verso  
permutavit aquas praedulius nectare vini»...

<sup>101</sup> POLEMIVS SYLVIVS, *Kalendarium antiquum* 448: PL 13, 676: «Epiphania quo die interpositis temporibus stella magis visa quae dominum natum nuntiabat, de aqua vinum factum et in amno Jordanis salvator baptizatus est».

<sup>102</sup> O sermão *Dies ista et festivitas* está incluído entre as obras de S. Agostinho, mas era atribuído a Cesário em PL 39, 2018. No entanto, a edição de CCL 104, 961 não o considera deste e por isso não o inclui. A CPL 368 também não o atribui a Cesário.

<sup>103</sup> SEDATUS BITERRENSIS, *Hom. de Epiphania*: PL 72, 771 B: «Illud, frates carissimi, quod die tertia nuptiae factae sunt, hoc, quod aquam in vinum conversam fuisse, modo cum evangelium legeretur, audistis».

<sup>104</sup> Cf. P. SALMON, *Le Lectionnaire de Luxeuil*, I (= Collectanea biblica 7), Roma 1944, n. 19, 59.

<sup>105</sup> Cf. E. A. LOWE — J. W. LEGG, *The Bobbio Missal*, II, London 1920. Este missal corresponde a uma tradição do Norte da Itália no século VIII. O manuscrito de Trèves 134 junta para este dia Mt. 3, 13 com Jo. 2, 1 e Jo. 6, 5 (cf. G. GODU, *Évangiles*, in *DACL* 5/I (1922), 869).

<sup>106</sup> Cf. SALMON, *Lectionnaire*, I, LXX-LXXXIII.

<sup>107</sup> CONCILIVM CAESARAUGUSTANVM c. 4: Mansi 3, 634: «Viginti et uno die quo a 16 Kalendas Januarii usque in diem Epiphaniae, quae est 8 Idus Januarii, continuis diebus, nulli liceat de ecclesia se absentare, nec latere in domibus, nec secedere ad villam, nec montes petere, nec nudis pedibus incedere, sed concurrere ad ecclesiam».

também referência à carta do papa Sirício a Hemério<sup>108</sup>. Prudêncio fala dos Magos, nos versos que dedica à festa da Epifania, com uma breve alusão circunstancial à matança dos Inocentes<sup>109</sup>. A narração evangélica deste facto aparece no *Liber Commicus*<sup>110</sup> para a Epifania, mas daqui não podemos tirar as conclusões que tira Botte<sup>111</sup>, considerando a matança dos Inocentes, como fazendo parte da Epifania.

Na liturgia hispânica, o Baptismo no Jordão teria sido introduzido tardiamente como objecto da festa e o milagre de Caná entrou igualmente mas não teve a importância que atingiu na Gália. O Evangelho de João 2, 1-11 não é usado para o dia 6 de Janeiro no *Liber Commicus*, pois estava reservado para a missa de casamento *De Nubentibus*<sup>112</sup>. No século VII, Isidoro de Sevilha<sup>113</sup> cita o milagre do vinho entre os motivos da festa. Cita-o em terceiro lugar e não em apêndice, como considera Botte<sup>114</sup>.

O *Liber Mozarabicus* fala dos três milagres (Baptismo, Caná e Magos) e junta a multiplicação dos pães ao lado do milagre do vinho<sup>115</sup>. Esta junção deve ser posterior ao século XII<sup>116</sup>. Este documento litúrgico testemunha a influência galicana na introdução de Caná e do Baptismo de Jesus. A junção da multiplicação dos pães é também influência galicana e tem origem talvez no norte de Itália<sup>117</sup>, mas em qualquer destes locais a junção é simples associação pelo simbolismo de Caná. Prova-o o próprio *Liber Mozarabicus* que apesar de falar de «tria magna mirabilia» junta o milagre dos pães<sup>118</sup>.

<sup>108</sup> SIRICIUS, *Epistola et decreta* 1: PL 13, 1134: «Sequitur deinde baptizandorum, prout unicuique libitum fuerit, improbabilis et emendanda confusio, quae a nostris consacerdotibus quod commoti dicimus, non ratione auctoritatis alicujus, sed sola temeritate praesumitur, ut pasim ac libere Natalitiis Christi, seu Apparitionis, necnon et Apostolorum seu Martyrum festivitibus innumeras, ut asserio plebes baptismi mysterium consequantur»...

<sup>109</sup> Cf. PRUDENTIUS, *Cathemerion* 12: CCL 126, 65-72; PL 59, 901-914.

<sup>110</sup> Cf. F. J. PEREZ DE URBEL — A. GONZALEZ — RUIZ ZORILLA, *Liber commicus. Edición crítica* (= Monumenta Hispaniae Sacra, Ser. Lit. 2), Madrid 1950, 539; G. MORIN *Liber commicus* (= Anecdota Marcsolana 1), Maredsolis 1893, 294.

<sup>111</sup> Cf. BOTTE, *Origines* 52.

<sup>112</sup> Cf. *Liber commicus*, 539.

<sup>113</sup> Cf. ISIDORUS HISPALENSIS, *De eccl. officiis* 27: PL 83, 762-763: «Tribus igitur ex causis hic dies hoc vocabulum sumpsit sive quod tunc in baptismo Christus populis fuerit ostensus, sive quod ea die vinum versam multis est manifestatus».

<sup>114</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 53.

<sup>115</sup> Cf. M. FÉROTIN, *Le Liber Mozarabicus Sacramentorum* (= Monumenta Eccl. Liturgica 6), Paris 1912, nn. 195. 199.

<sup>116</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 53.

<sup>117</sup> Cf. J. LEMARIÉ, *Textes épiphaniques d'antiphonaires et bréviaires du Moyen-Âge*, in *Eph. Lit.* 75 (1961) 9.

<sup>118</sup> Cf. *Liber Moz.*, n. 192.

## 1.2.3. Norte de Itália

Sabemos que o Natal é já solenizado em 383<sup>119</sup> e a Epifania ainda não tinha carácter geral nos seus motivos, não obstante a Adoração dos Magos ser o motivo unificante. Outros, segundo Filástrio, juntam o Baptismo ou a Transfiguração. Ao deparar com esta variedade recordaremos as influências a que esta região, como zona intermediária, sofreu. São elas: a romana, galicana e oriental, ainda que não possamos definir se estas influências são directas ou indirectas.

Em Milão, Santo Ambrósio (+ 397) conhecia já as duas festas e diz que na Epifania se fazia um apelo aos catecúmenos para que dessem o nome para entrarem na categoria dos *competentes* que se preparavam para receber o baptismo na Vigília Pascal<sup>120</sup>. Este facto administrativo dá, provavelmente, um tom baptismal à festa epifânica e leva-nos a supor que, no dia 6 de Janeiro, o Baptismo no Jordão era já comemorado<sup>121</sup>.

Do discurso *De Virginibus*, cujo texto damos em seguida, não podemos provar a entrada de Caná para motivo da festa, porque a ideia das bodas poderia ser citada por sugestão da consagração e união a Cristo por parte da virgem e não por ser aquele dia, dia da Epifania:

«Estas são as belas bodas, minha filha, que tinheis desejado. Vede que afluência de povo veio honrar a natividade do vosso Esposo e cada um voltará a sua casa saciado. E aquele que a pedido de um servo converteu a água em vinho nas bodas, a vós também Ele concederá o sacramento sincero da virgindade, o vinho puro. Ele que alimentou quatro mil homens no deserto com cinco pães e dois peixes, poderá alimentar mais, se mais tivesse para alimentar»...<sup>122</sup>.

<sup>119</sup> FILASTRIUS BRIXIENSIS, *Diversarum Hereseon Liber* 140, 1. 4: CCL 9, 304; PL 12, 1273-1274: «Sunt quidam dubitantes heretici de die Epifaniorum domini salvatoris, qui celebratur octavo idus Ianuarias, dicentes solum natalem debere eos celebrare domini VIII Kalendas Ianuarias, non tamen diem Epifaniorum, ignorantes quod sub lege et secundum . . . salvator carnaliter omnia in se et de se consummabat, ut et nasceretur VIII Kal. Ian. et appareret, ut apparuit magis post duodecim dies . . . in templo (...) Quidam autem diem Epifaniorum baptismi, alii transformationis in monte quae facta est esse opinantur».

<sup>120</sup> Cf. AMBROSIIUS, *Exp. in Lucam* 4, 76: CCL 14, 134; PL 15, 1719.

<sup>121</sup> Cf. LEMARIÉ, *Manifestation*, 48; V. MONACHINO, *S. Ambrogio e la cura pastorale a Milano nel secolo IV*, Milano 1973, 93-95.

<sup>122</sup> AMBROSIIUS, *De Virginibus* III 1: PL 16, 219. Escrito em 377 para a tomada de véu de Marcelina, irmã de S. Ambrósio. KELLNER, *Heortologie*, 111, toma as Bodas de Caná como motivo da festa. DE SANTI, *Origine*, 27, citando Duchesne, considera associações casuais e igualmente, BOTTE, *Origines*, 36-37. Será este mesmo conceito, de consagração, que levará Gelásio a incluir a Epifania entre os dias para a consagração das virgens. (cf. R. METZ, *La consécration des vierges dans l'église romaine*, Paris 1954, 140. P. BORELLA, *Spunti interessanti della liturgia di Natale ed Epifania*, in *Ambrosius* 44 (1968) 330.



A alusão que aqui se faz à multiplicação dos pães também não se justificaria pelo dia litúrgico, pois se não, é estranho que não tivesse havido também referência e desenvolvimento do tema da Adoração dos Magos<sup>123</sup>, ainda que não fosse obrigatório glosar toda a temática da festa. Contudo o testemunho concorde de outros documentos poderá dar mais valor a este texto.

O hino *Inluminans Altissimus*<sup>124</sup>, que hoje tudo leva a crer seja autêntico<sup>125</sup>, insere nos seus versos os três milagres: a Adoração dos Magos, Baptismo de Jesus e milagre de Caná, acrescentando a multiplicação dos pães:

«Inluminans altissimus micantium astrorum globos pax, vita, lumen, veritas, Jesu, fave precantibus;	aquas colorari videns, inebriare flumina, elementa mutata stupet transire in usus alteros
seu mystico baptismate fluenta Jordanis retro conversa quondam tertio praesente sacris die;	sic quinque millibus virum dum quinque panes dividis, edentium sub dentibus in ore crescebat cibus
Seu stella partum virginis caelo micans signaverit, et hoc adoratum die praesepe magos duxerit;	multiplicabatur magis dispendio panis suo, quis haec videns mirabitur iuges meatus fontium?
vel hydriis plenis aquae vini saporem infuderis; hausit minister conscius, quod ipse non impleverat.	inter manus frangentium panis rigatur proflus; intacta quae non fregerant fragmenta subrepunt viris.

Turim, de influência milanesa, com S. Máximo (+ entre 395 e 415), celebrava os três milagres<sup>126</sup>. Sabemos também que antes de

<sup>123</sup> Cf. H. FRANK, *La celebrazione della festa «Natalis Salvatoris» e «Epiphania» in Milano ai tempi di S. Ambrogio*, in *La Scuola Cattolica* 62 (1934) 691-692. Este artigo é uma tradução de outro: *Zur Geschichte von Weihnachten und Epiphanie*, in *Jahrbuch für Liturgie Wissenschaft* 12 (1933) 145-155.

<sup>124</sup> AMBROSIIUS, *Hymnus VIII*: Walpole, 65-68; *Hymnus V*: PL 16, 1411.

<sup>125</sup> Entre outros, são pela autenticidade: G. M. DREVES, *Der Hymnus des Hl. Ambrosius «Agnes beatæ virginis»*, in *ZKTh* 25 (1901) 356-365; FRANK, *Geschichte*, 147; O. FALLER, *Ambrogio*, s., in *EC* 1 (1948) 997-999; C. MOHRMANN, *La langue et le style de la poésie chrétienne*, in *Études sur le latin des chrétiens*, I, Roma 1958, 151-168; H. FRANK, *Die Vorrangstellung der Tauf Jesu in der Altmailändischen Epiphanieliturgie und die Frage nach dem Dichter des Epiphaniachymnus Inluminans altissimus*, in *ArchLitwiss* 13 (1971) 115-132.

Assim, ainda que se possa pôr em dúvida a autenticidade ambrosiana do hino, resta como testemunho de uma época que não andarão muito longe de Santo Ambrósio.

<sup>126</sup> Cf. MAXIMUS TAURINENSIS, *Sermo* 65: CCL 23, 273; *Sermo* 101: CCL 23, 403, oscila entre o tema do Baptismo e das Bodas de Caná. Falta o tema dos Magos. Caná está posto em

383 não entrou o milagre de Caná na zona de influência milanesa, porque, como vimos, Filástrio de Brescia menciona somente a Adoração dos Magos e o Baptismo. Ficamos, por isso, com um período intermédio para a entrada das Bodas de Caná como motivo de festa epifânica e neste espaço entra, muito provavelmente, Santo Ambrósio.

Ravena, igreja de maior influxo oriental, com S. Pedro Crisólogo (424/9-451) celebrava os três milagres referidos<sup>127</sup>. A proveniência deve-se provavelmente à Itália do Norte, uma vez que Roma só posteriormente aceitaria o Baptismo como facto celebrativo da festa<sup>128</sup>.

Da Alta Itália, chegam-nos ainda notícias através do *Codex Rehdigeranus* (ms. da Bib. de Breslau R. 169)<sup>129</sup>, do fim do século VII, que nos transmite o sistema de leituras do século VI-VII, nas suas notas. Deveria pertencer a Aquileia e demonstra a similitude da liturgia de Aquileia com a milanesa<sup>130</sup>. O referido documento coloca o Evangelho que narra o milagre de Caná no II Domingo da Epifania.

As notas do *Codex Valerianus* (ms. da Bib. Real de Munique Clm. 6224)<sup>131</sup>, do século VII-IX, que são provavelmente de uma tradição da Alta Itália<sup>132</sup> dão para o dia da Epifania três leituras, à semelhança dos missais galicanos: Magos, Baptismo e Caná. Também o *Codex C 39 Inf.*, da Bib. ambrosiana de Milão<sup>133</sup> nos dá a tradição da Alta Itália, nas suas notas marginais do século VII-VIII, sobre um manuscrito do século VI. Aqui o milagre de Caná é usado como Evangelho da Vigília da Epifania.

Deparamos, assim, com um estado de coisas que nos permitem algumas considerações. Certamente nos meados do século V, e talvez

relação com o Baptismo, a ordem nova está no vinho de Caná já iniciada (Cf. I. BIFFI, *Teologia e spiritualità del «dies beatissimae epyfaniae» in San Massimo di Torino*, in *Ambrosius* 40 (1964), 517-544.

<sup>127</sup> Cf. PETRUS CHRYSOLOGUS, *Sermones* 156-160: PL 52, 611-622. F. SOTTOCORNOLA, *L'anno liturgico nei sermoni di Pietro Crisologo. Ricerca storico-critica sulla liturgia di Ravenna, Cesena* 1973, 245, considera provável que a junção de novos temas na Epifania seja por influxo de Milão. A passagem da corte de Milão para Ravena, em 402, não seria de esquecer.

<sup>128</sup> Cf. J. LEMARIÉ, *La liturgie de Ravenne au temps de Pierre Crisologue et l'ancienne liturgie d'Aquilée*, in *Aquileia e Ravenna. Atti del VIII Settimana di Studi Aquileiesi* 23 Aprile — 1 Maggio 1977 (= *Antichità Alto Adriatiche* 13), Udine 1978, 367.

<sup>129</sup> Cf. H. J. VOGELS, *Codex Rehdigeranus* (= *Collectanea biblica latina* 2), Roma 1913, 95-97.

<sup>130</sup> Cf. F. CABROL, *Aquilée (liturgie)*, in *DACL* 2, (1907), 2688.

<sup>131</sup> Cf. H. J. WHITE, *Codex Valerianus* (= *Old latin biblical texts*), Oxford, 1888.

<sup>132</sup> Cf. GODU, *Évangiles*, 882.

<sup>133</sup> Cf. G. MORIN, *Un système inédit de lectures liturgiques en usage au VII/VIIIe. siècle dans une église de la Haute Italie*, in *RBén.* 20 (1903) 375-388.

desde o princípio, o Norte da Itália celebra na Epifania os três milagres, o que ainda não acontece nem na Espanha, nem na África, nem em Roma, mas somente nas Gálias, que lhe estão vizinhas. O Norte de Itália faz de lugar de passagem. Convém recordar que neste período, grande parte do Oriente celebrava já a 6 de Janeiro uma festa do Baptismo de Cristo e nalguns locais se comemorava Caná, ainda que deslocando-o desse dia. A deslocação de Caná para outro dia dentro do mesmo tempo da Epifania verificou-se também no Ocidente, colocando a narração de Caná no II Domingo da Epifania. Mas continuemos o nosso percurso.

#### 1.2.4. Roma

A Igreja de Roma recebeu a festa de 6 de Janeiro do Oriente, mas ao contrário das igrejas ocidentais, com excepção da África inicialmente, e das Igrejas do Oriente, celebrou neste dia até ao século VII somente a Adoração dos Magos, como protótipo da manifestação universal de Cristo. Este acontecimento estava, nos meados do século IV, unido ao Natal, como vimos em outros locais.

Já que do discurso *De Virginibus*, de 377, pronunciado em Roma, será difícil tirar alguma conclusão acerca da introdução dos motivos da festa, resta-nos, como primeiro testemunho S. Leão Magno (440-461). Todos os seus oito sermões sobre a Epifania abordam somente a Adoração dos Magos<sup>134</sup>. Também a sua carta aos bispos da Sicília manifesta que a Epifania comemora somente o milagre da estrela<sup>135</sup>. Aqui se vê que a Sicília tinha influência oriental e que Roma queria manter a sua tradição. Com efeito, S. Gregório Magno, ainda usa somente a Adoração dos Magos para motivo da celebração epifânica<sup>136</sup>.

A razão desta singularidade podia ser o preenchimento do dia 6 de Janeiro, por corresponder a um dia festivo do Oriente, com

<sup>134</sup> Cf. LEO MAGNUS, *Sermones* 31-38: CCL 132, 161-208; PL 54, 234-263. C. COEBERGH, *L'Épiphanie à Rome avant Saint Léon. Un indice pour l'année 419*, in RBén 75 (1965) 304-307, dá nota da existência da festa, mas não do seu conteúdo. Parece ser S. Leão o autor dos textos da Epifania e da oitava. Ver A. P. LANG, *Leo der Grosse und die liturgischen Texte des Ockavtages von Epiphanie*, in *Sacris Erudiri* 11 (1960) 12-135.

<sup>135</sup> ID., *Epistola* 16: PL 54, 696-701: «Si quis autem Epiphaniae festivitatem, quae in suo ordine debito honore veneranda est, ob hoc aestimat privilegium habere baptismatis, quia hoc quidam putant quod in eadem die Dominus ad baptismum sancti Ioannis accesserit»...

<sup>136</sup> Cf. GREGORIUS MAGNUS, *Hom. in Evangelia* I, 10: PL 76, 1110-1114.

aquela parte (Adoração dos Magos) que permanecia unida ao Natal de 25 de Dezembro.

Só numa segunda fase de influência oriental, por via ocidental, é que Roma introduziu o Baptismo e Caná, o que também, igualmente tarde, irá suceder em África.

O Evangelário de Lindisfarne<sup>137</sup>, que nos dá conta da tradição napolitana do século VI<sup>138</sup>, bem como o Evangelário de Wurzburg 68 (conhecido também por Evang. de Burchard<sup>139</sup>), do século VIII, realizado sob modelo romano anterior<sup>140</sup>, colocam o Evangelho de Jo. 2, 1-11 nas missas votivas «in velanda», de bênção nupcial, no que se assemelham com o *Liber Commicus*, já referido anteriormente.

Porém, o Evangelário de Wurzburg 62<sup>141</sup>, que nos revela a liturgia romana dos meados do século VII, e o *Comes* de Murbach<sup>142</sup>, que é posterior mas também da liturgia romana, colocam a narração de Caná no II Domingo da Epifania.

Destes dados podemos concluir que houve uma variação progressiva acerca de Caná na Epifania. Na verdade, Roma depois de celebrar primitivamente somente os Magos, celebrou por algum tempo os três milagres<sup>143</sup>, mas o Evangelho de Jo. 2, 1-11 passaria posteriormente a ser lido no II Domingo da Epifania. Todavia, este uso não impede que a narração das Bodas de Caná seja lida nas missas de casamento.

### 1.2.5. *África*

Em África o testemunho mais antigo acerca do Natal é de Optato de Milevo, num sermão pronunciado à volta de 360<sup>144</sup>. Aqui se refere, além da Encarnação, a Adoração dos Magos e se alude ao massacre dos inocentes. Denota o estado originário da festa

<sup>137</sup> Cf. W. W. SKEAT, *The Book of Lindisfarne*, Cambridge 1871. Ms. Colton Nero D IV, do British Museum, escrito no século VII-VIII.

<sup>138</sup> Cf. GODU, *Évangiles*, 896.

<sup>139</sup> Cf. G. MORIN, *Les notes liturgiques de l'Évangile de Burchard*, in RBén. 10 (1893) 113-126.

<sup>140</sup> Cf. C. VOGEL, *Introduction aux sources de l'histoire du culte chrétien au Moyen Âge*, Spoleto 1975, 307.

<sup>141</sup> Cf. G. MORIN, *Liturgie et basiliques de Rome au milieu du VIIe. s. d'après les listes d'évangiles de Wurzburg*, in RBén. 28 (1911) 296-330.

<sup>142</sup> Cf. A. WILMART, *Le Comes de Murbach*, in RBén. 30 (1913) 25-69.

<sup>143</sup> Cf. SOTTOCORNOLA, *Anno liturgico*, 365, nota 126.

<sup>144</sup> Cf. ID., *Un sermon de Saint Optat sur la fête de Noël*, in *Revue des Sciences Religieuses* 2 (1922) 271-302.

semelhante ao de Roma e atesta-nos que a Epifania de 6 de Janeiro não tinha sido ainda introduzida.

Santo Agostinho, nos seus sermões de Natal, considera o dia da Natividade aniversário da data histórica do nascimento de Cristo, que coincide com o início do crescimento dos dias<sup>145</sup>. Assim, aproveita o simbolismo da luz<sup>146</sup> e faz referência ao culto do sol, prática idolátrica, porque o verdadeiro sol, digno de ser adorado é Cristo<sup>147</sup>. O aniversário manifesta uma realidade que se cumpre pelo facto das bodas de Cristo com a Igreja<sup>148</sup>.

Quanto à Epifania, quando surge, tem como objecto único a Adoração dos Magos. Santo Agostinho fala somente deste motivo e considera 6 de Janeiro, treze dias após o Natal, a data do dia histórico em que Cristo se manifesta aos Magos<sup>149</sup>. O facto do bispo de Hipona explicar a palavra Epifania sempre que a usa é sintomático de uma introdução recente<sup>150</sup>. É interessante verificar também que Santo Agostinho apresenta a festa epifânica como complemento do Natal, usando a expressão «geminata solemnitate»<sup>151</sup>. São duas fases sucessivas de uma mesma manifestação. Cristo vinha para todos os homens: povo eleito e gentios, pastores e Magos<sup>152</sup>. Ambos viram a mesma luz e se tornaram filhos de uma mesma Igreja<sup>153</sup>. O Doutor da Igreja preocupa-se, assim, com o essencial: o mistério da manifestação de Cristo a todos os homens.

<sup>145</sup> Cf. AUGUSTINUS, *Sermo* 196, 4: PL 38, 1021.

<sup>146</sup> Cf. ID., *Sermo* 186, 187: PL 38, 999-1003.

<sup>147</sup> ID., *Sermo* 190, 1: PL 38, 1007: «Agnoscamus diem, et simus dies. Nox enim eramus, cum infideliter vivebamus. Et quoniam ipsa infidelitas quae totum mundum vice noctis obtexerat, minuenda fuerat fide crescente: ideo die Natalis Domini nostri Iesu Christi, et nox incipit perpeti detrimenta, et dies sumere augmenta. Habeamus ergo, fratres, solemnem istum diem: non sicut infideles propter nunc solem, sed propter eum quid fecit hunc solem. Quod enim Verbum erat, caro factum est ut propter nos posset esse sub sole. Carne quippe sub sole tu majestate autem super universum mundum, in quo condidit solem. Nunc vero et carne super istum solem, quem pro Deo colunt, qui mente caeci verum iustitiae non vident solem».

<sup>148</sup> Cf. ID., *Sermo* 188, 4: PL 38, 1004-1005.

<sup>149</sup> Cf. ID., *Sermo* 199, 1-3: PL 38, 1026-1028; *Sermo* 200: PL 38, 1028-1031; *Sermo* 202, 1: PL 38, 1035.

<sup>150</sup> Cf. ID., *Sermo* 200, 1: PL 38, 1029; *Sermo* 201, 3: PL 38, 1031; *Sermo* 202, 1: PL 38, 1033; *Sermo* 203, 1: PL 38, 1035; *Sermo* 204, 1: PL 38, 1037. A Epifania parece ser mais recente e menos importante do que o Natal, até pelo facto de Agostinho ter cartoze sermões para este e seis para a Epifania, e ainda pela hesitação e variedade dos temas a que a celebração de 6 de Janeiro dá lugar (Cf. J. LECLERCQ, *Aux origines du cycle de Noël*, in *Eph. Lit.* 60 (1946) 19).

<sup>151</sup> Cf. ID., *Sermo* 204, 2: PL 38, 1038.

<sup>152</sup> Cf. ID., *Sermo* 199, 1: PL 38, 1026; *Sermo* 200; PL 38, 1029-1030; *Sermo* 201, 1: PL 38, 1031.

<sup>153</sup> Cf. ID., *Sermo* 199, 1: PL 38, 1026: «Christus Judaeos et Gentes in se mox copulat. Nuper celebravimus diem quo ex Judaeis Dominus natus est: hodie celebramus, quo a Gentibus adoratus est. Quoniam salus ex Judaeis sed haec salus usque ad fines terrae. Nam et illo die pastores adoraverunt, hodie Magi».

Posteriormente ela vai-se enriquecendo com novos elementos. O anonimato de alguns sermões africanos do século V e VI não nos deixam marcar com precisão a data das etapas. Porém, sabemos que um pregador, que já não sente a necessidade de explicar o nome da festa, mostra a força do Senhor através de dois milagres: a condução dos Magos, por meio de uma estrela e a mudança da água em vinho<sup>154</sup>.

Um outro sermão, que explica ainda o sentido da Palavra *Epiphania*, desenvolve o mesmo plano dando realce ao milagre de Caná e junta que naquele dia o Senhor, segundo alguns pensam, foi baptizado<sup>155</sup>. Fala, a propósito de Caná, do casamento de Deus com a humanidade, de Cristo com a Igreja<sup>156</sup>. Um caso inédito é o do sermão «certamente antigo»<sup>157</sup> sobre as Bodas de Caná, que no entanto não diz nada que nos possa atestar que tenha sido proclamado no dia da Epifania<sup>158</sup>. Outro sermão ainda, reúne a Adoração dos Magos e o Baptismo de Cristo<sup>159</sup>.

Um sermão, que parece ser africano<sup>160</sup>, fala somente do Baptismo de Cristo. Não sabemos também se este foi utilizado no dia da festa em causa, apesar de no exórdio dar a entender que o pronunciava perto do Natal.

Finalmente, um sermão africano posterior a Orósio (séc. V), mas que ainda explica o sentido da palavra *Epiphania*, apresenta já os três motivos conhecidos: Adoração dos Magos, que é o mais desenvolvido, Baptismo de Jesus e milagre de Caná<sup>161</sup>.

Se considerarmos que S. Fulgêncio de Ruspe ainda desenvolve somente a Adoração dos Magos no sermão da Epifania<sup>162</sup>, podemos começar a estabelecer as etapas de desenvolvimento, tanto quanto possível. Portanto, primeiramente, uma só festa de Manifestação-

<sup>154</sup> Cf. Ps. AUGUSTINUS, *Sermo Caillau* 2, 41: PLS 2, 1054-1057.

<sup>155</sup> Cf. ID., *Sermo Caillau* 2, 40: PLS 2, 1054-1057.

<sup>156</sup> Cf. *Ibid.*, 1055: «Sed ut haec ipsa altiora mysticus intellectus requirat, quid illac significabant nuptiae, quibus Christus intererat, nisi illas utique, quibus ipse Christus Ecclesiae Jungebatur, qui tanquam sponsem procedens ad thalamo suo, ad desponsatum sibi promissi jure veniebat; ubi utique ex aquis vinum, id est, ex Gentibus fideles conversionem divini operis efficit. Fit ergo ex aquis vinum, cum fiunt ex Gentibus Christiani»...

<sup>157</sup> Cf. LECLERCQ, *Origines*, 21.

<sup>158</sup> Cf. A. WILMART, *Un sermon africain sur les noces de Cana*, in *RBén.* 42 (1930) 5-18.

<sup>159</sup> Cf. Ps. AUGUSTINUS, *Sermo Caillau* 3, 36: PLS 2, 1045-1048.

<sup>160</sup> Cf. ID., *Sermo Caillau* 2, 45: PLS 2, 1065-1067.

<sup>161</sup> Cf. ID., *Sermo Caillau* 2, 38: PLS 2, 1048-1052: «Nomen ex graeca lingua translatus, hoc est, Epiphaniam, Manifestationem interpretes dixere Latini, cum maiestatem suam Christus aperuit, et quibusdam signorum miraculis publicavit. Sed hodiernam diem Ecclesia per orbem celebrat totum, sive quod stella prae caeteris fulgens divitibus Magis parvum non parvi regis monstravit hospitium, sive quod hodie Christus primum fecisse dicitur signum, quando aquas repente commutatio in vinum, sive quod a Ioanne, isto die, creditur baptizatus»...

<sup>162</sup> Cf. FULGENTIUS RUSPENSIS, *Sermo* 4: PL 65, 732.

-Adoração. Depois, duas festas complementares: Natal-Epifania. Esta segunda surge não antes dos finais do século iv e só no século vi se lhe juntam o Baptismo e Caná.

Devido à semelhança que se depara entre Roma e África, Leclercq<sup>163</sup> defende que foi de África e não de Espanha, como sugere Botte<sup>164</sup>, que a festa da Epifania entrou em Roma. O facto dever-se-ia à emigração, provocada pelos Vândalos, que obrigaram os bispos africanos a ir para a Itália. O motivo é verosímil mas não está de acordo com a análise feita, segundo a qual a Epifania a 6 de Janeiro é recente.

### 1.2.6. Conclusão

Nesta análise das Igrejas ocidentais patenteamos um desacordo, uma variedade de objectos, de que é difícil estabelecer uma linha histórica condutora, por falta de informações e porque não sabemos se esta linha existiu.

Mas tentemos perceber as mútuas influências antes de passarmos à significação das Bodas de Caná, que mais nos interessa e que é, por si, esclarecedora para essa linha condutora.

Deparamos com dois grupos fundamentais acerca dos motivos da celebração da Epifania, um comemora só a Adoração dos Magos, outro os três milagres. Sabemos que a festa veio do Oriente, mas o que lá estava unido dividiu-se entre 25 de Dezembro e 6 de Janeiro e daí a variedade.

Explicando: Roma celebrava no Natal, em meados do século iv, Nascimento de Cristo e Adoração dos Magos. África, igualmente, no final do mesmo século. Espanha, por 380, celebra o Nascimento a 25 e a Adoração dos Magos a 6. As Gálias, por volta de 360, celebram a Epifania a 6, com objecto confuso. Assim sendo, antes do fim do século iv e talvez antes de 380, a Epifania divide-se do Natal e começa-se a celebrar em Espanha, África e Roma, tendo como objecto os Magos. O Norte da Itália tendo adoptado o dia que se julga histórico da visita dos Magos, acrescenta-lhe, por influência oriental, o Baptismo no Jordão e Caná, no princípio do século v.

---

<sup>163</sup> Cf. LECLERCQ, *Origines*, 25.

<sup>164</sup> Cf. BOTTE, *Origines*, 57.

Em seguida, a Espanha, África e Roma, sucessivamente e mais tarde, adoptaram também este uso.

De tudo isto ressalta que cada Igreja vai a pouco e pouco construindo a seu modo, o conteúdo da festa e daí a nossa dificuldade em estabelecer a lógica diferente de cada uma delas.

Relacionando com o Oriente, podemos concluir que num primeiro momento, por influência palestinese ou de uma festa primitiva do Egipto, veio para Roma e Gália a Epifania-Natividade. Roma passou a celebrar esta a 25 de Dezembro, mas a Gália ou a Espanha podia ter deixado a festa de 6 de Janeiro e, ao adoptar o 25 de Dezembro de Roma deixaria os Magos a 6, passando em seguida o seu uso a Roma. É uma mera hipótese bastante provável!

Numa segunda fase de influência oriental, as Gálias ou talvez Milão, são as Igrejas pioneiras na celebração epifânica do Baptismo de Cristo e do milagre de Caná.

## 2. A significação do Milagre de Caná nos Textos Litúrgicos

Seria interessante ver o que nos diziam os textos litúrgicos que revelariam o objecto da festa e nos mostrariam como o milagre de Caná aí entrava. Mas nenhuma obra dos cinco primeiros séculos chegou até nós<sup>165</sup>, embora fosse grande a actividade litúrgica especialmente a partir de 375, com uma grande «efervescência literária»<sup>166</sup>.

Vamos aproveitar o que temos, pois, apesar de serem testemunhos tardios dão informações de fórmulas litúrgicas cimentadas por séculos de tradição. Começemos pelo *Liber Mozarabicus Sacramentorum*, cujas cópias existentes vão do século IX ao século XI, mas que contém formulários litúrgicos que parecem remontar ao século V<sup>167</sup>. Já vimos que ele celebrava na Epifania os três milagres, juntando tardiamente a multiplicação dos Pães.

Os textos que nos interessam fazem parte da *Missa in diem apparitione Domini*. Encontramos nesta três referências ao milagre do vinho: no início, no prefácio e na bênção final. No início, apresenta o sentido geral da festa pelas manifestações da vinda do Senhor seja pela estrela, pelo Baptismo ou por Caná.

<sup>165</sup> Cf. VOGEL, *Introduction aux sources*, 29-30.

<sup>166</sup> *Ibid.*, 23.

<sup>167</sup> Cf. FÉROTIN, *Liber Moz.*, XIV-XVI.



Eis o que escreve quanto ao primeiro milagre de Cristo:

«Em Caná o Senhor realizou o seu primeiro milagre quando, durante o banquete nupcial, mudou a água em vinho. Com este alto e admirável mistério (sacramento) ensinava que chegara Aquele que desde o início dos séculos, devia unir-se com a Igreja como esposa e que a fé na verdade devia transformar-se no vinho da sabedoria de sabor espiritual»<sup>168</sup>.

No prefácio volta a referir os três acontecimentos, acrescentando a multiplicação dos pães. Vejamos a parte que se refere a Caná:

«Além disso, derramaste água nas talhas, vinho nas águas, segundo as ordens do teu mandato descortinam-se nas águas cachos e das talhas nascem vindimas. A tua generosidade, outrora por um milagre não menor, fez sair das entranhas da rocha um rio irrigante, mas introduzir, com uma palavra, água na aridez não é mais do que introduzir sabor nos líquidos»<sup>169</sup>.

Segue-se no texto a memória dos pães multiplicados. Este enquadramento aparece também na bênção final, que tem cinco invocações, em lugar das costumadas três. Estas invocações incidem na Natividade, nos Magos e em Caná, dizendo:

«Dê-vos uma inteligência espiritual Aquele que fez com que a natureza das águas tivesse um sabor de vinho agradável»<sup>170</sup>.

na multiplicação dos pães, em que se pede o alimento da doutrina; e finalmente incide também no Baptismo de Jesus.

Resumindo, nestes textos o milagre das Bodas aparece-nos como símbolo das Bodas de Cristo com a Igreja. Caná é a inauguração dos novos tempos pela revelação que aí se faz da divindade de Cristo. O episódio da fonte de Moisés é recordado para declarar que a mesma força do Verbo que tirou água da rocha não admira que mude o sabor de um líquido. Este líquido é considerado de um «sabor espiri-

<sup>168</sup> *Ibid.*, n. 192, 87-88: ... «primum in Canaan (Cana) Galilee prodidit signum, quum in convivio nuptiali aquas in vinum convertit. Alto et admirabili sacramento docens, quod a seculis sponse sibi in iungendus Ecclesie advenerat, ad vinum prudentie spiritalis saporis fidem veritatis esse mutandam».

<sup>169</sup> *Ibid.*, n. 195, 90: ... «Insuper infundisti aquae hidriis, aquis vinum, atque ad tue iussionis imperium botrui (botri) distinguuntur in aquis, et vindemie oriuntur ex hidriis. Nec minori miraculo quondam largitas tua flumen inriguum de visceribus aride cotis elicit: sed non amplius est verbo liquorem siccis, quam saporem liquidis indidisse».

<sup>170</sup> *Ibid.*, n. 199, 91: «Det vobis spiritalem intellegentiam, qui aquarum naturam vini in suavitate fecit esse saporem».

tual» e é rodeado de expressões que aludem à inteligência espiritual das Escrituras, ao novo sentido que para elas em Caná se abre simbolicamente.

Vamos tomar agora o *Missale Gothicum*. Este foi escrito no final do século VII e inícios do VIII. Apresenta textos sobre o milagre do vinho nos prefácios da Vigília<sup>171</sup> e no texto do dia seguinte<sup>172</sup>. Neste último fala da função reveladora e salvífica da manifestação pelo milagre de Caná. Incluída nesta função salvífica está a bênção do matrimónio<sup>173</sup>. O vinho bom de Caná é sinal da efusão do Espírito Santo e a conversão da água em vinho é prefiguração e símbolo da mudança do vinho em sangue<sup>174</sup> e imagem da conversão espiritual dos homens<sup>175</sup>, mediante a infusão do vinho da justiça nos que participam da festa<sup>176</sup>, como diz a bênção final. Paredi é de opinião que os prefácios deste missal sejam originários milaneses para a Epifania<sup>177</sup>.

O Sacramentário Gelasiano antigo<sup>178</sup>, bem como o Sacramentário Gregoriano *Hadrianum*<sup>179</sup>, falam do milagre de Caná somente na bênção da água baptismal do Sábado Santo.

O *Liber Sacramentorum*<sup>180</sup>, atribuído a Gregório Magno, mas conhecido hoje como Sac. de Santo Elói ou de Ménard, datado do século IX-X<sup>181</sup>, tem para o II Domingo da Epifania uma bênção

<sup>171</sup> Cf. M. C. MOHLBERG, *Missale Gothicum* (= Rerum Eccl. documenta. Ser. Maior. Fontes 5), Roma 1961, nn. 64 e 86, 20 e 23. Para além de PL 72, 225-318, existe outra edição de H. M. BANNISTER, *Missale Gothicum* (= Henry Bradshaw Society 52. 54), London 1917.

<sup>172</sup> Cf. *Missale Gothicum*, n. 86, 26.

<sup>173</sup> Cf. *Ibid.*, nn. 74 e 83, 22 e 25.

<sup>174</sup> Cf. *Ibid.*, n. 82, 25: «Pia obsecratione poscentes, ut qui tunc aquas in vina mutavit, nunc in sanguinem suum oblationum nostrarum vina convertat»...

<sup>175</sup> Cf. *Ibid.*, n. 81, 24: «Converte ad te quaerendum stupidas mentem hominum, qui nuptiale convivio vestisti laticis in falernum. Amen».

<sup>176</sup> Cf. *Ibid.*, n. 91, 27: «Reple animas eorum vino iustitiae, quae sermone tuo hodie ex aquarum sapore mutasti. Amen».

<sup>177</sup> Cf. A. PAREDI, *I prefazi ambrosiani* (= Pub. della Univ. Catt. del Sacro Cuore. Scienze Filologiche 25), Milano 1937, 129.

<sup>178</sup> Cf. L. C. MOHLBERG — L. EIZENHÖFER — P. SIFFRIN, *Liber sacramentorum Romanae ecclesiae ordinis anni circuli (Sacramentarium Gelasianum)* (= Rerum Eccl. documenta. Ser. Maior. Fontes 4), Roma 1960, n. 446, 73.

<sup>179</sup> Cf. J. DESHUSSES, *Le sacramentaire grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits*, I, Fribourg 1971, n. 85 (35-37). Cf. sobre isto E. GALBIATI, *Le preghiere consuetudinarie dell'acqua battesimale*, in *Ambrosius* 12 (1936) 214-220, que tende para ver uma origem síria na referência a Caná, feita nesta oração.

<sup>180</sup> *Sacramentário de Ménard*: PL 78, 41 C: «Deus qui sua mirabili potestate aquam vestit vinum, vos a vestute subtractos in beatæ vitæ transferet novitatem. Amen. / Et qui nuptiis interesse voluit, et earum sua praesentia comprobaret bonum, ipse vobis castitatis et sobrietatis perpetuae confederat donum. Amen. / Ipse vobis sanctorum intelligentiam scripturarum tribuat spiritalem qui aquas in vina vertendo hoc ipsum voluit designare. Amen».

<sup>181</sup> Cf. VOGEL, *Introduction aux sources*, 68, nota 209.

totalmente fundamentada em Caná<sup>182</sup>, Vemos aqui expressa a novidade do milagre de Caná, que é símbolo da passagem do Antigo Testamento ao Novo, pela conversão da água em vinho. As Escrituras adquiriram uma inteligência espiritual e os cristãos foram introduzidos na novidade de uma vida bem aventurada. Também nas Bodas de Caná o matrimónio ficou santificado.

Ocorre ainda notar que, no breviário, algumas antífonas epifânicas mencionam também as Bodas de Caná, embora os documentos que as trouxeram até nós sejam já medievais.

É o caso da antífona *Hodie Caelesti sponso*:

«Hodie caelesti sponso iuncta est Ecclesia, quoniam in Jordane lavit eius crimina. Currunt cum munere Magi ad regales nuptias; et ex aqua facto vino laetantur convivia. Baptizat miles regem, servus dominum suum, Ioannes Salvatorem. Aqua Jordanis stupuit, columba protestatur, paterna vox auditur: Filius meus hic est, in quo bene complacuit, ipsum audite»<sup>183</sup>.

É esta uma antífona do *Benedictus*, que provém do século VII-VIII, mas que tem origem mais antiga<sup>184</sup>. A antífona tem, de facto, origem siríaca, com pedaços da antiquíssima hinódia ocidental<sup>185</sup>. A redacção definitiva dar-se-ia entre 654 e 755<sup>186</sup>. Na verdade, a antífona exprime a ideia das bodas de Cristo com a Igreja, concluídas no Jordão e ratificadas em Caná e esta ideia é oriental<sup>187</sup>. Aqui, Caná é incluído num contexto baptismal: pelo tom nupcial que possui, pela alegria que o vinho dá ao banquete e pela novidade de Cristo, esposo da Igreja.

Outra antífona é a do *Magnificat* de muitos breviários, conhecida por *Laetentur omnes populi*<sup>188</sup>. Esta pode aparecer com um inciso final sobre a multiplicação dos pães e possui muitas pequenas variantes

<sup>182</sup> Apesar de tardio (séc. X-XI) o Sacramentário de Bérgamo menciona os «tria miracula» e faz entrar Caná num contexto sobretudo baptismal. Cf. P. CAGIN. *Cod. Sacram. Bergomensis saec. X* (= Supplem. sive Auctuarium Solesmense 1), Solesmes 1900, n. 189.

<sup>183</sup> Cf. *Manuale Ambrosianum ex cod. saec. XI*, ed. M. Magistretti (= Monumenta Vet. Lit. Ambros. 2), Milano 1904, 91.

<sup>184</sup> Cf. E. PAX, *Epiphanie*, in *RAC* 5 (1962) 905

<sup>185</sup> Cf. BAUMSTARK, *Lit. Comparée*, 175-176.

<sup>186</sup> Cf. H. FRANK, *Hodie coelesti sponso iuncta est Ecclesia. Ein Beitrag zur Geschichte und Idee des Epiphaniefestes*, in *Vom Christlichen Mysterium. Gesammelte Arbeiten zum Gedächtnis von Odo Casel*, Düsseldorf 1951, 192-226.

<sup>187</sup> Cf. P. BORELLA, *Appunti sul Natale e l'Epifania*, in *Mélanges liturgiques B. Botte*, Louvain 1972, 62.

<sup>188</sup> «Laetentur omnes populi tantae festivitatis gloria quia hodie novum sidus ad Christi cunabula magos perduxit: hodie Salvator mundi in Jordanis alveo a Iohanne baptizatus est, atque vocatus ad nuptias lympham in vinum mutavit: hodie quinque millia hominum panibus quinque et duobus piscibus satiavit». (Cf. LEMARÉ, *Textes epiphaniques*, 6,

quanto ao dia e hora de uso, embora sempre à volta da Epifania<sup>189</sup>. O seu uso situa-se na Provença, Catalunha e norte de Espanha, o que vem confirmar as raízes de uma tradição do motivo da festa da Epifania nestes locais<sup>190</sup>.

O *Liber Responsorialis*, conhecido hoje por antifonário de Compiègne ou de Carlos, o Calvo, datado entre 860-880, cita parte do Evangelho de João 2, 1-11 nas antífonas da comunhão do II Domingo da Epifania<sup>191</sup>. Pelo contexto e pelas palavras que são realçadas esta antífona tem sentido eucarístico para o milagre do vinho.

## Conclusão

Demos agora uma visão de conjunto às duas partes.

O elemento das Bodas de Caná, como objecto da festa da Epifania, surge no Oriente em ambiente egípcio, que o separa do Baptismo no Jordão. Deste nosso estudo nasce, porém, a hipótese de que a ideia de Caná, para a festa de Epifania na Gália, surja da Síria. De facto, é aí que se nota o conceito das Bodas de Cristo com a Igreja e é também da Síria que vem a influência para os centões litúrgicos das leituras para o dia da festa, como vimos em alguns documentos. Eis, assim, um ponto clarificante que nos traz a análise do conteúdo do milagre de Caná.

No Ocidente, as Gálias são herdeiras do que no Oriente foi posto de lado quanto ao primeiro milagre, como motivo epifânico. O Baptismo de Jesus era um duplo desta epifania e, por isso, a comemoração de Caná ou desaparece ou passa para outro dia, como vimos na liturgia etiópica e copta, bem como em Constantinopla. No Oriente, a Epifania teria já uma pluralidade de motivos<sup>192</sup>. Estes eram, primitivamente, a Encarnação e a manifestação aos Pastores e Magos e, depois, também o Baptismo, embora não com o sentido basilidiano

<sup>189</sup> Cf. o estudo pormenorizado de LEMARIÉ, *Textes epiphaniques*, 6-9.

<sup>190</sup> Lemarié dá notícia de uma outra antífona rara que refere Caná num manuscrito do Processional monástico do século XIV (*Textes epiphaniques*, 11). Também o tardio Breviário de Esztergonn tem um responsório de vésperas de Epifania onde se menciona Caná incluído entre os «tria miracula» (*Ibid.*, 19).

<sup>191</sup> «Dicit Dominus implete hydrias aqua et teste architriclinus cum gustasset architriclinus aqua vinum factum dixit sponso servasti vinum bonum usque adhuc hoc signum fecit Iesus primum coram discipulis suis» (cf. R.-J. HESBERT, *Antiphonale missarum sextuplex*, Bruxelles 1925, n. 216, 28-29).

<sup>192</sup> Cf. MOHRMANN, *Epiphania*, 260. 267.

de começo da natureza divina, mas como sinal da manifestação dessa natureza e como substituição da manifestação pagã de um deus através da santificação ou transformação das águas. Com a entrada da festa romana do Natal, o Baptismo adquire então uma importância primordial dando até à festa o nome de festa das luzes.

Porque é que se pensou em Caná neste contexto?

As opiniões são diferentes. Para Baumstark, foi a ideia das bodas sagradas que fez entrar as Bodas de Caná, na festa epifânica<sup>193</sup>. Para Daniélou, a ideia da Epifania helenista surge no século iv como manifestação sobrenatural por sinais. Este sentido preponderante fez entrar Caná<sup>194</sup>. Pax explica que no tempo helenista o sentido da palavra Epifania pode ser não só manifestação pessoal, mas também através de milagres. As Bodas de Caná são escolhidas porque, segundo João 2, 11, «manifestou-se», pela primeira vez a sua glória<sup>195</sup>. Também Mohrmann aceita que o milagre entrou na triologia da Epifania pela coincidência verbal de João com o termo denominador da festa<sup>196</sup>.

Temos, de facto, dois tipos de explicações. Uma mais ideológica, outra mais linguística, que a nosso ver se completam. Foi a ideia baptismal e epifânica das Bodas de Cristo com a Igreja, como também foi por ser a primeira manifestação da divindade por um milagre. Foi esta divindade manifestada aqui que tornou possíveis essas bodas.

Nem sempre se distingue o motivo primário da escolha de Caná, (semelhança com uma festa da santificação das águas), dos motivos teológicos que, desde os primeiros testemunhos, do século iv em diante, foram sendo dados.

Além disso, se algo sobressai deste nosso trabalho é a grande potencialidade simbólica que possui a narração joanina do milagre de Caná. Sintetizando:

- § 1. É um milagre e por isso sinal da manifestação da divindade de Cristo, segundo as próprias palavras da narração.
- § 2. É o primeiro milagre e por isso o que traz mais novidade.
- § 3. É um sinal portentoso realizado numa Bodas e por isso símbolo das Bodas de Cristo com a sua Igreja, embora bastasse ser milagre.

<sup>193</sup> Cf. BAUMSTARK, *Lit. Comparée*, 175.

<sup>194</sup> Cf. J. DANIELOU, *Les origines de l'Épiphanie et les «Testimonia»*, in *Recherches Sciences Religieuses* 52 (1964) 552.

<sup>195</sup> Cf. PAX, *Epiphanie*, 903.

<sup>196</sup> Cf. MORHMANN, *Epiphania*, 261.

- § 4. As Bodas são de *casamento* e daí o uso do evangelho de João nas missas de matrimónio para atestar a sua santificação.
- § 5. O milagre que se realiza é de *transformação de água em vinho*. O *poder* que realiza esta transformação faz recordar este milagre nas fórmulas de bênção da água, pois também ela é sinal do poder transformante.
- § 6. O *vinho convertido* é especialmente *bom*. Por ser bom e convertido é, na liturgia tardiamente (séc. VIII), considerado símbolo do sangue de Jesus e usado em contexto eucarístico. A multiplicação dos pães, que na Gália, Norte de Itália e na Espanha é tardiamente associada à festa, entra para servir de paralelo às Bodas de Caná, como tipo da Eucaristia.

Pelo exposto não podemos ficar pelas razões circunstanciais, como não podemos ficar pelos motivos originários. Pois apesar da escassez das fontes litúrgicas da idade antiga descortinamos no milagre de Caná uma diversidade simbólica que é horizontal no tempo e coexistente no uso.

A força simbólica dos elementos da narração joanina, reveladores do mistério de Cristo, assumiram um papel na vida espiritual cristã. As comunidades sentiram necessidade de recordar em celebração um facto salvífico tão evocador. A oração da Igreja recolheu na sua celebração não só a leitura do texto mas apoderou-se, na sua eucologia, da força significante do conteúdo teológico evidenciado na narração.

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO